



CREATIVE UNIVERSITY
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2015 / 2016

ANDRÉ FILIPE GOUVEIA LISTA

Trabalho de Projecto
“Caminhadas de Bolso”



CREATIVE UNIVERSITY
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2015 / 2016

ANDRÉ FILIPE GOUVEIA LISTA

Trabalho de Projecto
“Caminhadas de Bolso”

Projecto apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual, opção de especialização em Design Visual, realizada sob a orientação científica do Doutor Paulo José Teixeira da Silva, Professor de Design Tipográfico da Escola Superior de Design do IADE.

Dedico este projecto aos meus familiares mais chegados, porque me deram força para prosseguir com os estudos. À minha namorada Mara, por ser a minha fonte de inspiração para alcançar maiores feitos tanto a nível pessoal como profissional.

o júri

presidente

Doutor Fernando Jorge Matias Sanches Oliveira
Professor auxiliar do Instituto de Arte, Design e Empresa -
Universitário.

Vogal: Doutor Aprígio Luís Moreira Morgado
Professor Auxiliar da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da
Rainha do Instituto Politécnico de Leiria.

Vogal: Designer Paulo José Nunes Teixeira da Silva
Professor Especialista do Instituto de Arte, Design e Empresa -
Universitário.

agradecimentos

Começo por agradecer aos meus pais José Lista e Alda Lista, aos meus familiares mais chegados e à minha namorada Mara Silva. Todos eles me deram força ao longo destes dois anos para concluir mais esta etapa da minha vida profissional.

A todos, os meus sinceros agradecimentos

palavras-chave

Portabilidade; Natureza; Caminhar; Turismo

resumo

O projecto “Caminhadas de Bolso” é um Kit de caminhadas pensado e construído para dar uma resposta face ao problema do sufoco tecnológico do tempo presente e em que visa também defender e criar relações com a Natureza e o espaço que nos rodeia.

Este kit, de formato de bolso, e os seus elementos gráficos foram construídos com materiais o menos prejudiciais para o ambiente e com um objectivo claro: A transmissão de uma mensagem ecológica, sustentável e de ligação com a Natureza sem recorrer a meios tecnológicos.

No Kit estão presentes três elementos gráficos que constam: um mapa, uma brochura e um tubo, como embalagem. Todos eles com um papel fundamental para transmitir a mensagem que se pretende e criar uma linha de ensinamento e de aumentar a nossa cada vez menor ligação com a Natureza. Toda a linguagem gráfica utilizada foi pensada para transmitir a mensagem do conceito sem tecnologias recorrendo à ilustração e escrita manuais.

Prentede-se com este projecto sensibilizar o público-alvo a uma atitude mais ecológica, mais ligada com a Natureza e que por breves momentos se desliguem do mundo dominado pelo imediatismo do ecrã.

Keywords

Portability; Nature; Walking; Tourism

abstract

“Pocket’s Hiking” is a hiking kit thought and created to face a problem that is increasing nowadays. The suffocation that we are suffering from all the technologies that surround us. This project also aims to defend and create relationships with nature and the space around us.

This kit, pocket format, and its graphics were built with materials less harmful to the environment and with a clear objective: The transmission of an ecological message, sustainable and improve our connection with nature without resorting to technological means.

This kit contains three different graphic materials: a map, a brochure and a cardboard tube.

All of them with a key role to convey the message that we want and create a teaching line and improve our relation with nature.

The whole graphic language used was designed to convey the message of the concept without technology using the illustration and writing manuals.

Also a priority within this project is to sensitize the audience to a more environmentally friendly attitude, more connected with nature and briefly to turn off the screen-dominated world of immediacy.

“Caminhadas de Bolso”

Índice

1. Introdução

1.1 Delimitação do problema	19
1.2 Levantamento de hipótese e/ou objectivos de investigação.....	20
1.3 Objectivos	21
1.4 Estrutura do trabalho	22

PARTE I - Enquadramento Conceptual

1. O Design como ferramenta de comunicação	23
2. O Turismo e Eco-Turismo em Portugal	24
3. O Hiperconsumo e o descartável.....	26

PARTE II - O Projecto

1. Considerações Gerais.....	29
2. Metodologia do Projecto	30
3. Público Alvo	33
4. Estudos de Caso comparativos	34
5. Tipos de linguagem e ilustração utilizados	38
6. Tipografia Utilizada	40
7. Formato do Kit	43
8. A cor	43
9. Elementos do Kit.....	45
9.1 O Tubo	46

9.1.1 Formato	48
9.1.2 Material utilizado.....	48
9.1.3 Conteúdo	48
9.1.4 Planificação	52
9.2 O Mapa.....	53
9.2.1 Formato	54
9.2.2 Material utilizado.....	54
9.2.3 Conteúdo	56
9.2.4 Planificação	58
9.3 A Brochura.....	59
9.3.1 Formato	60
9.3.2 Material utilizado.....	60
9.3.3 Conteúdo	61
9.3.4 Planificação	71
10. Simbolos e iconografia.....	73
11. Considerações Finais.....	77
12. Referências	79
13. Bibliografia	83

Anexos

1. Inquérito	85
2. Ilustrações realizadas para este projecto	86
3. Registo fotográfico do percurso “Rota dos Moinhos”	91

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem do Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra.....	35
Figura 2 - Fotografia de páginas com informação da região presente no Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra	35
Figura 3 - Fotografia de páginas de percursos pedestres presente no Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra	36
Figura 4 - Conjunto de desdobráveis das “Aldeias do Xisto”	37
Figura 5 - Informação presente num desdobrável das “Aldeias do Xisto”	37
Figura 6 - Exemplo de ilustração à vista representativa do meio.	39
Figura 7 - Apresentação da fonte: Mathlete	41
Figura 8 - Apresentação da fonte: Swistblnk Monthoers.....	41
Figura 9 - Apresentação da fonte: Blokletters, regular	41
Figura 10 - Apresentação da fonte: Blokletters, bold	41
Figura 11 - Exemplo de cores utilizadas para representar a topografia do mapa	44
Figura 12 - Cores utilizadas para representar os três diferentes níveis de dificuldade ...	44
Figura 13 - Representação do Kit com todos os seus elementos gráficos.....	45
Figura 14 - Figura da representação do tubo	47
Figura 15 - Elementos gráficos presentes na frente do tubo.....	49
Figura 16 - Elementos gráficos presentes no verso do tubo.....	50
Figura 17 - Elemento gráfico presente no topo do tubo.....	51
Figura 18 - Elemento gráfico presente na base do tubo	51
Figura 19 - Planificação e medidas do tubo, em milímetros.....	52
Figura 20 - Imagem representativa do mapa presente no kit	53
Figura 21 - Imagem da identificação dos elementos informativos presentes no mapa ..	56
Figura 22 - Planificação e medidas do mapa, em milímetros	58
Figura 23 - Representação da brochura aberta	59
Figura 24 - Brochura: Capa de rosto.....	63
Figura 25 - Brochura: Página Introdutória, após a capa.....	63
Figura 26 - Brochura: Ficha técnica e índice.....	64

Figura 27 - Brochura: Página da introdução.....	64
Figura 28 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de laranja, primeiro ex.....	65
Figura 29 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de laranja, segundo ex.	65
Figura 30 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de rosa.....	66
Figura 31 - Brochura: Folha de separação de capítulo, azul	66
Figura 32 - Brochura: As regras e dicas para uma caminhada segura	67
Figura 33 - Brochura: Composição textual e imagem, exemplo um.....	67
Figura 34 - Brochura: Composição textual e imagem, exemplo dois.....	68
Figura 35 - Brochura: Ficha técnica do percurso.....	68
Figura 36 - Brochura: Ponto de interesse, composição textual e imagem, ex. um	69
Figura 37 - Brochura: Ponto de interesse, composição textual e imagem, ex. dois.....	69
Figura 38 - Brochura: Outras caminhadas disponíveis.....	70
Figura 39 - Planificação e medidas da capa e contracapa de cortiça.....	71
Figura 40 - Planificação e medidas das páginas padrão interiores da brochura.....	72
Figura 41 - Representação do processo de criação dos ícons.....	74
Figura 42 - Representação dos ícons presentes no mapa.....	75
Figura 43 - Representação de alguns ícons presentes na brochura	75
Figura 44 - Representação dos ícons presentes no tubo	75
Figura 45 - Inquérito.....	85
Figura 46 - Ilustração específica do terreno da região de Setúbal.....	86
Figura 47 - Ilustração do terreno de Portugal Continental	86
Figura 48 - Ilustração topográfica do percurso	87
Figura 49 - Ilustrações - Várias I	87
Figura 50 - Ilustrações - Várias II	88
Figura 51 - Ilustrações - Várias III	89
Figura 52 - Ilustração de um moinho em ruínas	90
Figura 53 - Ilustração de ruínas	90
Figura 54 - Ruínas I	91
Figura 55 - Moinho em Ruínas	91
Figura 56 - Rua dos Moinhos.....	91

Figura 57 - Padaria.....	91
Figura 58 - Ruínas II	91
Figura 59 - Ruínas III	91
Figura 60 - Vida Selvagem I	92
Figura 61 - Vida Animal I.....	92
Figura 62 - Vida Selvagem II	92
Figura 63 - Vida Selvagem III	92
Figura 64 - Panorâmica da Serra I	92
Figura 65 - Percurso Pedestre I	92
Figura 66 - Panorâmica da Serra II	93
Figura 67 - Panorâmica da Serra III	93
Figura 68 - Pormenor Rochoso I.....	93
Figura 69 - Pormenor Rochoso II.....	93
Figura 70 - Moinho	93
Figura 71 - Panorâmica da Serra IV	93

1. Introdução

O tema escolhido para a realização deste projecto tem como base um problema actual. O sufoco das tecnologias na nossa vida. Estão-se a mudar hábitos, tradições e rotinas que nos estão a tornar de cada vez mais dependentes de tecnologias a cada clique que fazemos.

1.1 Delimitação do problema

O tempo em que vivemos é demarcado pelo sufoco tecnológico, pela presença esmagadora dos ecrãs, do share, dos likes, dos tweets e dos instagrams mas também das tecnologias na cultura contemporânea que se desenvolve a um ritmo tão avassalador que nem damos conta. Segundo Lipovetsky [1] e Serroy [2] “nunca o homem dispôs de tantos ecrãs, não somente para ver o mundo, mas também para viver a sua própria vida” (Lipovesky & Serroy, 2010, p. 249).

Para constatar isto, suficiente será, olhar à volta enquanto estamos na rua e observar o que se passa. A sociedade parece obcecada e fixada pelo dito ecrã, pelas tecnologias; parecemos de cada vez mais distantes, mesmo estando perto uns dos outros, de cada vez mais nos desligamos do que está ao nosso redor. Para Rosen [3], parece estar “rodeado de pessoas a entrar em comportamentos obsessivo-compulsivos” (Rosen, 2012, p. 2).

Estamos portanto, perante uma sociedade que começa a estar habituada a poder fazer algo no imediato, de clicar num botão e ter resultados, cria-se uma nova relação com o espaço-tempo, de instantâneo e toda esta interação “[...] cria-nos uma intolerância à lentidão e a exigência de um tempo mais eficiente” (Lipovesky & Serroy, 2010, p. 291). Com tudo a acontecer tão depressa e com esta sensação de sufoco dos ecrãs cria-se uma necessidade de uma atitude de resistência face a essa presença maciça das tecnologias nas nossas vidas.

1.2 Levantamento de hipótese e/ou objectivos de investigação

Uma resposta face ao problema em causa, essa atitude de resistência a um mundo dominado pela tecnologia, passa por uma recuperação dos ritmos e valores mais próximos da natureza. Voltarmos a aproximarmo-nos da natureza e apreciar o que nos rodeia. Neste contexto, vários pensadores como Gros [4] têm desenvolvido recentemente ideias em volta do "Caminhar" e do "Caminhar na natureza" enquanto prática e enquanto nova forma de o ser humano ver o mundo e se relacionar com ele.

Caminhar representa também uma ética de valorização da natureza e da própria vida. Gros (2014) salienta que caminhar é o melhor dos métodos conhecidos para abrandar, ir mais devagar, porque quando caminhamos apreciamos a beleza do céu e o esplendor da paisagem, abrandamos o tempo. Mas caminhar não é apenas abrandar o tempo, é também envolvermo-nos mais com a natureza, com a fauna, flora e com a sua própria sustentabilidade.

Para tal, este projecto é constituído por um kit de caminhadas que engloba trilhos específicos com o intuito de sensibilizar o caminhante perante a natureza e tudo o que o rodeia. Tirá-lo por uns momentos do mundo dos ecrãs e do sufoco tecnológico. Valorizar a natureza e a própria vida.

Para servir de base para o template, o local escolhido foi o Parque Natural da Serra da Arrábida, em Setúbal, tanto pela sua riqueza patrimonial como pela diversidade e fauna e flora ali presentes. Para Jennifer Hill [5] e Tim Gale [6] “O turismo relacionado com a natureza tem vindo a ser um dos sectores da indústria do turismo com um maior crescimento” (Gale, T., & Hill, J., 2009 p.3). Dentro da indústria do turismo, este projecto está presente no sector do chamado Eco-turismo, onde o objectivo é contribuir para uma experiência com base na natureza envolvente, com objectivos educacionais e tendo como foco a sustentabilidade ecológica, sociocultural e económica.

1.3 Objectivos

Este projecto passa pela construção de um kit constituído por uma brochura, um mapa e uma embalagem onde todas elas se complementam entre si. O resultado compreende um objectivo de comunicação visual rico em ilustrações e texto, todos eles de cariz manual onde se pretende reforçar a cada vez menor relação do Homem com a Natureza e o que o envolve, recorrendo o menos possível a meios tecnológicos.

Objectivos:

1. Estimular o interesse do caminhante pela Natureza
2. Promover o conceito do Eco-Turismo em Portugal
3. Apresentar uma linguagem criativa e original nas soluções gráficas do Kit
4. Incentivar o público a uma atitude ecológica perante a Natureza
5. Promover a prática do exercício físico de uma sociedade cada vez mais sedentária
6. Encontro de soluções gráficas originais e criativas na construção do Kit

1.4 Estrutura do trabalho

Este projecto encontra-se dividido essencialmente em duas partes.

Na Introdução, que precede ao desenvolvimento da dissertação, aborda de forma sucinta a temática tratada bem como os fundamentos que encaminharam para a escolha deste projecto, expondo também uma breve descrição dos objectivos que se pretendem atingir.

A Parte I, apresenta uma série de temas ligados à conceptualidade do projecto “Caminhadas de Bolso”. Faz-se um ponto de situação sobre o design do presente e a passagem de uma arte de plasticidade para uma mais digital; retrata-se o turismo e o Eco-Turismo na sua generalidade e mais especificamente no território de Portugal, onde se idealiza a realização deste projecto; e faz-se uma abordagem relativamente ao consumo e hiperconsumo de materiais e tecnologias e o descartável, relacionado todos estes temas com a Natureza e a sua falta de sustentabilidade.

A parte II, dedica-se ao desenvolvimento prático do projecto. Primeiramente é feita uma abordagem à metodologia utilizada para a sua realização e o público-alvo a que este se destina. Bem como uma abordagem aos estudos de caso comparativos, onde se retiraram inspirações para uma melhor organização informativa nos materiais gráficos. Faz-se referência aos tipos de linguagem, ilustrações, tipografia e cores utilizadas e uma análise da sua respectiva contribuição para a transmissão da mensagem que todo este projecto envolve. Por fim são demonstrados detalhadamente todos os elementos do kit e as suas características e explicadas detalhadamente de modo sucinto e directo.

PARTE I - Enquadramento Conceptual

1. O Design como ferramenta de comunicação

O Design sempre teve um papel preponderante na configuração de estilos de vida, de sociabilidade e de modelos de consumo. Para Anne J. Banks [7] e Philip B. Meggs [8] “é uma actividade humana desde os tempos pré-históricos.” (Banks, 2004, p.14)

Hoje em dia, a prática do Design tem nela presente as ferramentas indispensáveis para criar soluções inovadoras e responder a necessidades culturais, técnicas e funcionais onde nos últimos anos tem vindo a ganhar um maior espaço na cultura contemporânea. Uma dessas ferramentas é a comunicação visual.

Para Bruno Munari [9] “praticamente tudo o que os nossos olhos vêem é comunicação visual. [...] É, no entanto, possível fazer, pelo menos, duas distinções entre todas as mensagens que passam através dos nossos olhos: a comunicação pode ser casual ou intencional.”(Munari, 1997, p.87) A nossa época está marcada pela recessão global e por catástrofes ambientais e como tal, o Design é uma das soluções para ajudar a lutar contra estes problemas. O designer como criador de ideias e como ferramenta de comunicação tem nas suas escolhas o optar por abordagens mais racionais e sustentáveis relativamente ao meio ambiente, respeitando também a vertente ética da durabilidade, materiais e ciclo de vida de um produto. Factores estes muito presentes no projecto “Caminhadas de Bolso” onde se procurou ser o mais ecológico e sustentável possível de modo a transmitir a mensagem do momento de fragilidade ecológica actual.

Outro aspecto que se teve em conta neste projecto foi tentar responder ao desafio digital versus real. Todo o imediatismo do ecrã faz com que a própria indústria de impressão e o livro como objecto, sejam cada vez menos valorizados. Tal como refere Andrew Losowsky [10] “Every decade at least since the 1980s, leading figures in print media have claimed that the industry is in a moment of transition. They weren’t

exaggerating - desktop publishing, home computer, PDF's, CD-ROMs, Photoshop, digital scanners, digital cameras, computer-to-plate, portable telephones, the internet both as a tool for research and communication and as a new medium for publishing, with new requirements and opportunities.” (Losowsky, 2010, p.4) Com tudo a tornar-se digital acabam por se perder alguns valores como a plasticidade, o táctil, o próprio valor da peça, o peso e as texturas dos materiais e por ventura perder a nossa relação com o real que Lipovetsky tanto refere. Como tal, para promover este contacto físico e com o real, este projecto é todo ele físico, não recorrendo ao digital, com o objectivo claro de reforçar a ligação Homem-Natureza.

2. O Turismo e Eco-Turismo em Portugal

O Turismo tem vindo a assumir uma importância cada vez maior ao nível social, económico, é capaz de gerar riquezas e promove o desenvolvimento socioeconómico das regiões. Segundo dados recentes, Portugal é um dos vinte maiores destinos do mundo. Pelos nossos monumentos, clima, terreno ou gastronomia, o Turismo em Portugal é um dos factores que gera maior riqueza para o país e tem vindo a aumentar de ano para ano. Internacionalmente é também um dos locais preferidos com inúmeras referências e publicidades, onde se podem retirar nomes relevantes como o “USA Today” ou o “Lonely Planet”.

O turismo além de ter efeitos positivos nestes pontos também pode ter efeitos negativos onde a sua prática inapropriada pode degradar habitats, paisagens e pode gerar lixo e poluição do espaço envolvente. No entanto uma prática responsável do turismo pode levar a um aumento de consciências e ajuda a suportar e a conservar a cultura local. E é aqui que entra o Eco-Turismo.

Segundo a TIES [The International Ecotourism Society] considera-se que o Eco-Turismo é um ramo do turismo que promove a relação com a Natureza, a valorização da diversidade biológica e cultural e ajuda a proteger o património natural e cultural

das regiões. Para Jennifer Hill e Tim Gale além de baseado na natureza, “é educacional e suporta a conservação”. (Hill & Gale, 2009, p.5)

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), 10% dos turistas em todo o mundo procuram a prática do turismo ecológico e é actualmente o ramo da indústria do turismo que mais cresce, com as médias de crescimento entre os 15% a 25% por ano.

No entanto a prática do Eco-Turismo em Portugal e em termos económicos é ainda uma miragem. O Turismo em Portugal está muito virado para as grandes cidades e para as praias que tão bem conhecemos. Segundo a Análise Regional de janeiro 2016, feita pelo Turismo de Portugal, Lisboa voltou a ocupar o primeiro lugar no ranking regional com quase 635 mil dormidas, notando-se ainda uma diferença muito significativa comparando com as zonas mais interiores do país.

O Eco-Turismo, por outro lado sofre com certas limitações e resistências tanto a nível de legislação política, financiamento, burocracias e falta de formação de guias da natureza. Se no estrangeiro o Eco-Turismo é o segmento do turismo que maior crescimento está a ter, só tem que se estar optimista relativamente ao seu estado em Portugal.

O objectivo deste projecto é também ele concentrado na criação de algo que desperte consciências e que ajude a quem utiliza este Kit a abstrair-se um pouco da cidade, criando uma maior relação com a Natureza. A relação deste projecto com o Eco-Turismo está muito presente com o tipo e localização das caminhadas, que podem ser ou não em áreas protegidas, promovendo a sua fauna, flora e historicidade respectivas, sempre com cariz de aprendizagem e ensino.

3. O Hiperconsumo e o descartável

Segundo Lipovetsky, o hiperconsumo caracteriza-se pelo consumo em massa e pela procura da felicidade através da compra e consumo de produtos e objectos. (Lipovetsky, 2007, p.24) Desde a revolução industrial dos anos 80 que se fala de uma sociedade de consumo. Sabendo à partida que foram melhoradas infraestruturas, comunicações e transportes, fez com que existisse um aumento da produtividade com custos mais reduzidos e um aumento de escoamento cada vez maior de grandes quantidades de produtos.

Desde então as marcas, através dos seus produtos, tentam passar mensagens que estimulem o nosso sentimento de felicidade com o intuito de vender o mais possível. Com o aumento de vendas de produtos vem atrelado a si a embalagem de baixo valor económico e descartável. Para Beja Santos [11], o facto de vivermos numa sociedade de hiperconsumo “torna o cliente infiel e imprevisível, o discurso das marcas exacerbou o estatutário e os poderosos vínculos institucionais são substituídos por contactos fugazes. É tal a oferta que tem de haver razões de peso para se manter a apetência por determinado produto ou marca.” (Santos, 2006, p.23)

Estamos perante um mundo consumista em que o descartável é uma das palavras mais dominantes na cultura global. Quase tudo é descartável pelo simples facto de ser mais fácil substituir algo danificado por algo novo. Este consumismo que vem aumentando com o passar dos anos está a ter repercussões inimagináveis no meio ambiente e está a prejudicar os tempos vindouros. Num relatório feito por House of Lords - Science and Technology Committee [12] referem que “as consequências de gerar de cada vez mais lixo afectará cada vez mais cada elemento da sociedade e além de prejudicar a Natureza terá também consequências a nível monetário.” (House of Lords, 2008, p.7)

Para Beja Santos, a diminuição do impacto do consumo ambiental pode conseguir-se por duas vias: “a redução do impacto por unidade de consumo (eco-eficácia); e a

redução do volume do consumo em si (suficiência). No primeiro caso, o acto do consumo do ponto de vista do consumidor, fica praticamente inalterado.

No segundo caso, trata-se de modificar o próprio consumo, optando, por exemplo, por consumir menos ou escolhendo produtos menos embalados.” (Santos, 2006, p.87)

Perante esta situação compete aos designers criar e inovar embalagens recorrendo a materiais menos prejudiciais para o ambiente cujo tempo de decomposição esteja associado ao tipo de produto que contém. Para Karli Verghese [13] o design de uma embalagem é um processo complexo que considera vários aspectos de marketing (posicionamento da marca e presença nas prateleiras), a sua função (protecção do produto e fabrico) e o seu custo de produção; fazendo com que a criação de uma embalagem de cariz sustentável tornará esta tarefa mais complexa visto ter de ser feita uma nova mudança em todas essas áreas, visto afectar a sua produção, distribuição e a própria recolha das embalagens. (Verghese, 2012, p.10)

Também através de uma progressiva sensibilização dos consumidores, tem existido uma maior tendência para a compra de embalagens de cariz reciclável. Segundo dados da Sociedade PontoVerde [14], nos lares de Portugal reflete-se esta tendência do utilizar embalagens com materiais mais sustentáveis, onde anualmente existe um crescimento de 5% a 7% de materiais recicláveis e à separação dos mesmos.

Para a criação do projecto “Caminhadas de Bolso” teve-se tudo isto em conta na escolha dos materiais utilizados para a sua realização e como tal, todos eles são de cariz reciclável e de um tempo de decomposição curto, de modo a que esta ligação com o Eco-Turismo possa ser a mais sustentável possível. Para Subramanian Muthu [15] “a utilização de materiais e recursos da região pode reduzir os custos ambientais, menor consumo de combustíveis e das emissões de CO₂ geradas pelo transporte.” (Muthu, 2016, p.186) Como tal, procurou-se também escolher um material local específico para Portugal. Para este template modelo escolheu-se a cortiça visto ter uma relação forte com a própria região e uma forte ligação com o património e exportações de Portugal.

PARTE II - O Projecto

1. Considerações Gerais

O projecto “Caminhadas de Bolso”, conforme definido na introdução deste documento, partiu da ideia de responder ao sufoco tecnológico dos dias de hoje e ajudar a criar uma resposta face a esta realidade do imediato, onde o ecrã é rei e tudo o que está ao nosso redor não tem valor.

Para tal, com base no conceito de Gros e a caminhada como uma das respostas face a este problema decidiu criar-se um projecto que englobasse esta problemática, a solução e relacionar ambos para ajudar a criar uma maior tendência para a sustentabilidade e aprendizagem da Natureza e do meio que nos rodeia.

Foi então com estes princípios que se chegou à ideia deste projecto. A criação de um kit de caminhadas que podendo ele ser transportável, fosse também resistente às adversidades do meio, pouco prejudicial ao ambiente e que conseguisse cativar e levar à aprendizagem da fauna, flora e historicidade da região envolvente.

Este projecto tem como base a utilização do design gráfico, ilustração, design editorial e design infográfico como ferramentas para tentar criar uma resposta face ao problema em questão. Apelando a uma linguagem gráfica mais informal, tipo sktech, pretendeu-se criar três elementos gráficos, sendo eles um tubo, uma brochura e um mapa, onde a sua relação seja fundamental para transmitir ao caminhante uma mensagem de abrandar o tempo, parar e apreciar a natureza e tudo ao seu redor, não utilizando qualquer tecnologia para este feito.

Como base para o template deste projecto foi escolhido o Parque Natural da Serra da Arrábida por ser uma zona que tem as mais variadas plantas, árvores, animais, tipos de terrenos e permitir assim uma maior variedade de ilustrações modelo.

2. Metodologia do Projecto

Para a construção do projecto “Caminhadas de Bolso” foi seguido uma metodologia constituída por fases distintas que respondeu com criatividade e objectividade aos objectivos que estavam pré-definidos.

O projecto partiu da ideia da construção de um kit que conseguisse evidenciar-se em termos de criatividade, formato e objectivos comparativamente a outros tipos de elementos gráficos semelhantes, tais como brochuras de turismo, panfletos, etc. A semelhança entre conceitos é muito pouca ou nenhuma visto este projecto querer conceptualmente reforçar não só a relação turismo-cliente, mas principalmente reforçar a cada vez mais perdida relação entre o Homem e a Natureza.

Após a delimitação do problema, a primeira fase da abordagem metodológica dedicou-se à pesquisa extensa de materiais gráficos e conceptuais sobre o problema que este projecto pretende arranjar resposta. Tipos de mapas, de brochuras, websites, anúncios, conceitos: Pouco ou nada existe. A pesquisa demonstrou que existe potencial suficiente para utilizar estes tipos de materiais gráficos para ajudar a relação Homem-Natureza e ajudar na fuga à tecnologia e do imediatismo do ecrã. Tendo registado o conceito de Gros e o caminhar, foi então pensado e ambicionado a criação de um kit de caminhadas fácil de transportar, de bolso, cujo objectivo estaria com base no fortalecimento desta nossa ligação com a Natureza sem que fosse necessária a utilização de meios tecnológicos. Todo este kit teria que ter a informação suficiente para que se fizesse uma caminhada livre de gadgets. E assim foi.

Antecedendo a criação e tipo de linguagem a utilizar, definiu-se o público alvo a quem este Kit era dirigido, traçando o perfil base do possível futuro caminhante.

Para esta construção e definição do tipo de linguagem e grafismo a utilizar procurou-se fazer uma ante pesquisa sobre os mais diferentes tipos de mapas, ilustrações e topografias existentes. Procurou-se ter todas as informações necessárias para um

determinado percurso e para tal teve-se como base dois estudos de caso. Destes estudos de caso foram retiradas as informações mais relevantes e úteis para que nada falte ao caminhante.

Antes de definir o tipo de linguagem a ser utilizado, testou-se as dimensões pocket e possíveis tamanhos e formatos do kit e também as limitações ao nível de tamanhos tipográficos e a sua legibilidade.

Na execução dos materiais que constituem o kit, ambicionou-se criar uma linguagem que de algum modo reforçasse o não uso de tecnologias mas sim de escrita e ilustrações que pudessem ser feitas ali, no momento, na própria caminhada. Para tal, foram testados diversos layouts diferentes de modo a existir um equilíbrio entre texto e ilustração.

Para a criação das ilustrações presentes neste projecto base foi feita a caminhada e tudo o que foi visto e experienciado foi também registado. Todas as ilustrações foram feitas no local recorrendo a lápis e aguarela, de modo a reforçar o “registar algo sem recorrer a tecnologias” conceito também presente neste projecto. Para o mapa, o desenho e a cor do terreno tiveram como orientação os registos fotográficos do levantamento topográfico e florestal da região. Para a realização da montagem destas ilustrações nos respectivos elementos gráficos recorreu-se ao uso de um scanner e depois ao Adobe Photoshop e Adobe Illustrator para as montagens finais.

Após uma pesquisa sobre os materiais a poderem ser utilizados deparou-se que se um caminhante que porventura gostasse de caminhar à chuva, todos os outros tipos de materiais gráficos, como brochuras ou desdobráveis, não estariam capazes de suportá-la, devido ao material em que estavam impressos. Neste projecto esse problema foi ultrapassado utilizando materiais com acabamentos de impermeabilização e ao uso de papel Tyvek®.

A escolha da informação presente no tubo, brochura e mapa foi baseada nos estudos de caso e noutros materiais semelhantes com a meta de não existir um excesso de informação pouco relevante e tendo também em conta as limitações relativas ao formato pocket.

Relativamente ao tubo, para definir qual o formato mais ergonómico e que menos prejudicava a locomoção foi feito um inquérito a cerca de 6 elementos do público-alvo que acabaram por definir a medida final do mesmo e assim definindo também a medida limite que era essencial para a construção dos dois materiais gráficos restantes.

Por fim, toda a construção dos elementos gráficos foi baseada na utilização desta linguagem sketch e pensando também em definir regras base para a construção de qualquer percurso futuro, seja ele em montanha, praia ou planície.

A ideia final de produção deste kit passa por ser finalizado utilizando os meios de impressão Offset para o mapa e brochura e serigrafia para a impressão da informação contida no tubo. A sua venda estaria destinada a pontos de venda como casas de turismo, desporto ou centros de promoção turística.

3. Público Alvo

“Caminhadas de Bolso” é um projecto direccionado a adolescentes e adultos com a faixa etária dos 18 aos 30 tendo em conta que a utilização deste kit deve ser feita de modo responsável e ético, visto que ter a vontade de sair do trilho previamente delineado pode prejudicar a vida da fauna e flora circundantes. Público-alvo que está interessado em estar mais relacionado com a Natureza tanto a nível físico como espiritual ou mental. Target este que também tem de ter capacidade física para as caminhadas mais exigentes. O facto de existirem três níveis de dificuldade faz com que exista uma maior escolha mediante os factores aptidão e resistência física de cada indivíduo.

Se utilizado em grupo, o valor médio de idade é mais amplo, levar crianças como companhia faz com que aprendam sobre o convívio com familiares, contacto com a natureza, a fauna, a flora e o exercício. Além da aventura que este kit lhes proporciona, quem lhes pode ensinar mais a experiencia de caminhar é a própria natureza. Segundo Julie Davis [16], “Intuitively, it seems clear that children’s experiences in nature inspire an affective knowing of the natural world.” (Davis, 2010, p.68)

Este projecto serve também de motor de aprendizagem às crianças e adolescentes onde o nível de dificuldade “fácil” está pensado para ter um maior conteúdo de ilustrações, factos curiosos e factos históricos sobre pontos que se encontrem nas caminhadas, com o intuito de quem os acompanha possa tornar a caminhada numa experiência ainda mais rica e educativa. Esta experiência educativa é no entanto um dos pilares do projecto, seja criança ou adulto, o objectivo é apreciar a natureza envolvente e aprender mais sobre ela com a informação presente neste projecto.

4. Estudos de Caso comparativos

Para a desenvoltura do suporte visual recorreu-se à comparação de dois estudos de caso. Foram escolhidos dois materiais de design, mais propriamente uma brochura e um desdobrável de turismo nos quais estão inseridas caminhadas e informações chave que concluí serem bons exemplos para a análise de informação a colocar nos elementos gráficos deste projecto.

O primeiro destaca-se por ser uma pequena brochura, que é intitulado de “Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra” (Figura. 1). Pelo tipo de informação contido, tanto a nível textual como de imagens, esta brochura tem o objectivo de promover a região e o turismo no seu todo, passando pela história, gastronomia, o relevo, clima e a própria fauna e flora envolvente (Figura. 2). No entanto dá pouco destaque aos percursos pedestres e existe alguma falta de informação pelo facto de não ter um mapa da região ou ponto de partida devidamente identificado, fazendo com que se pareça um género de catálogo (Figura. 3). Analisando mais tecnicamente a nível de design, esta brochura tem um layout, um tratamento tipográfico e iconográfico e qualidade de imagens acima da média, fazendo com que seja um bom ponto de partida para o projecto “Caminhadas de Bolso”.



Figura 1 - Imagem do Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra



Figura 2 - Fotografia de páginas com informação da região presente no Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra



Figura 3 - Fotografia de páginas de percursos pedestres presente no Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra

O segundo, destaca-se por ser um desdobrável relativo a caminhadas. Faz parte de um leque de desdobráveis criados pela “Aldeias do Xisto” com o objectivo de partilhar percursos pedestres da região de Pampilhosa da Serra que passem por algumas aldeias e locais menos visitados. (Figura. 4)

Comparando com o estudo de caso anterior, este tem a vantagem de ter um formato de dimensões e peso reduzidos. Para um desdobrável tem excesso de informação, no entanto apresenta alguns pormenores que se destacam a nível de pictogramas e informação relevante para quem quer fazer o percurso (Figura. 5). É dado um maior destaque à informação sobre o local do que ao mapa, que é um elemento chave para fazer corretamente uma caminhada. Comparando ainda com o Roteiro Turístico do Conselho de Pampilhosa da Serra, este desdobrável está muito mais completo a nível de informação do percurso, mesmo que menos trabalhado a nível tipográfico, de imagens e de layout.



Figura 4 - Conjunto de desdobráveis das “Aldeias do Xisto”



Figura 5 - Informação presente num desdobrável das “Aldeias do Xisto”

O projecto “Caminhadas de Bolso” foi construído com base em diversas inspirações, onde também se incluem estes dois elementos gráficos em cima analisados. Por existir pouco ou nada que se assemelhe ao objectivo deste projecto, fez com que esta tarefa se tornasse numa intensa busca de inspirações que de algum modo pudessem contribuir informacionalmente e graficamente até se encontrar a informação mais objectiva possível.

5. Tipos de linguagem e ilustração utilizados

O tipo de linguagem utilizado no projecto “Caminhadas de Bolso” tem como base o conceito do caderno tipo *sketch journal*. Um diário gráfico de bolso para escrever, tirar apontamentos e desenhar enquanto se explora determinado local ou região. Com o objectivo de dar ao caminhante algo que tenha sido feito com a menor utilização de tecnologias possível. Para tal recorreu-se à utilização de um tipo de letra *handwritten* e à utilização de somente ilustrações à vista representativas do meio.

A ilustração e o desenho são utilizados desde os primórdios dos tempos e são no presente também vistos como um dos meio de comunicação mais importante entre pessoas. Para Laurence Zeegen [17] “a ilustração mantém-se uma das mais eficazes formas de comunicação visual.” (Zeegen, 2009, p.6) A utilização do lápis e aguarela servem também para reforçar o facto de não ser preciso utilizar a máquina fotográfica ou qualquer outro dispositivo eletrónico para capturar um determinado momento. (Figura. 6)



Figura 6 - Exemplo de ilustração à vista representativa do meio.

Este tipo de ilustração não deve ser entendido como um artista a tentar fazer arte, mas sim o tentar demonstrar aquilo que é visível quando se faz a caminhada, recorrendo a técnicas do uso da aguarela e do lápis. Isto porque segundo Rudy de Reyna [18] “a habilidade de alguém representar literalmente um objecto não faz desse alguém um artista” (Reyna, 1996, p.9).

Contudo esta representação do real, recorrendo à técnica do desenho à vista, não pretende demonstrar uma imagem hiper-realista, pois não se ambiciona garantir um catálogo das mesmas, mas utilizando um registo cuidado para dar a noção do que será possível de visualizar quando o caminhante estiver situado no respectivo ponto de interesse.

6. Tipografia Utilizada

Está provado que a escolha da tipografia tem um papel preponderante na transmissão de uma determinada mensagem. Parte da funcionalidade do layout está dependente da tipografia escolhida e da forma com que se apresenta o texto. As fontes escolhidas têm todas como base conceptual o *handwritten*, para transmitir a escrita de alguém que decidiu partilhar uma experiência momentânea com a natureza. O escrever e relatar à medida que faz pequenas paragens durante a caminhada presente no kit, o que para Phil Baines [19] e Andrew Haslam [20] é importante visto que o processo da escrita permite a outras pessoas de receber e partilhar ideias que tenham em comum. (Baines & Haslam, 2002, p.17)

As fontes utilizadas foram a “Mathlete” (Figura. 7) para títulos e Sub-títulos, a “Swistblnk Monthoers” (Figura. 8) como base para o lettering identificativo das caminhadas, e a “Blokletters Balpen” (Figura. 9 e 10) para texto corrido. As três fontes esteticamente aparentam ser de estilo *handwritten*, descontraídas, informais e aparentam ter um aspecto tosco de apontamento. No entanto a fonte “Swistblnk Monthoers” foi escolhida também pela sua forma mais trabalhada e artística que mais se aproxima de um logotipo, também ele tosco e desenhado em forma de esboço.

Mathlete, Bold

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T W U V X Y Z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 7 - Apresentação da fonte: Mathlete

Swistblnk Monthoers

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T W U V X Y Z
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T W U X Y Z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 8 - Apresentação da fonte: Swistblnk Monthoers

Blokletters, Regular

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T W U V X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t w u x y z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 9 - Apresentação da fonte: Blokletters, regular

Blokletters, Bold

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T W U V X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t w u x y z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 10 - Apresentação da fonte: Blokletters, bold

Fontes estas escolhidas entre inúmeras do mesmo género, mas que ao contrário de muitas outras, proporcionam uma boa visibilidade mesmo em tamanhos pequenos, principalmente em formatos pequenos como é o caso dos materiais deste kit. Um aspecto determinante para a escolha da fonte “Blokletters Balpen” para o texto corrido apresentado na brochura em 6 pts. A escolha deste tamanho de 6 pts para texto corrido teve a ver com a própria dimensão da brochura e, após alguns testes, confirmou-se que o bloco de texto e o seu equilíbrio informacional foi o mais eficaz.

Para a escolha também se teve em conta a legibilidade em Offset, não só para que o texto ofereça uma compreensão eficaz ao público-alvo e a qualquer pessoa que possua uma acuidade visual dita normal.

Uma das artes da tipografia e do design é a manipulação correcta do espaço, isto é, questões de espaçamento, entrelinha, pesos visuais e o próprio aspecto visual. Na organização do texto corrido foi definido um espaçamento de 12 pts que oferece uma disposição regular às letras e confere assim uma leitura homogénea no seu todo. Quanto ao alinhamento, optou-se por alinhar o texto à esquerda tanto para os títulos, sub-títulos e texto corrido.

Ao nível da cor, foi escolhido o preto para o texto corrido visto que sendo o papel reciclado um pouco mais acizentado ou amarelado e não branco tradicional, poderia implicar algum problema de contraste visual. Para Colin Wheildon [21] quanto mais claro é o fundo e mais escura é a cor do texto, melhor será a sua compreensão.

7. Formato do Kit

O formato escolhido tem como base o conceito pocket, de colocar e transportar no bolso. Para tal, as medidas escolhidas para o kit tiveram de ter o propósito de caber num bolso de um casaco ou de umas calças. As medidas base foram tiradas de outro tipo de empresas que têm produtos da gama pocket, tal como a conceituada marca Moleskine. A medida final máxima do tubo foi de 140x40mm, escolhida com base num pequeno inquérito presente nos anexos (Figura. 45).

Os restantes materiais, tanto a brochura como o mapa têm como limite os 140mm de altura sendo que a medida do comprimento possa ser mais flexível, visto que ao enrolar e colocar os materiais dentro do tubo não traz problemas consequentes, visto encaixarem na perfeição.

8. A cor

As cores utilizadas para este projecto ajudam a compor a linguagem gráfica de todos os elementos do kit. Sendo um instrumento importante na comunicação visual, a cor acaba por assumir um papel mais simbólico e ajuda a destacar os contrastes dos textos com o fundo, a topografia do terreno, ajuda a demonstrar as cores das ilustrações aproximadas do real da fauna e da flora e ajuda a distinguir os três níveis de dificuldade presentes neste kit.

As cores topográficas escolhidas e pintadas em aguarela têm como base os tons verdes para serras e montanhas, para zonas rochosas os tons de cinza, para zonas de praia ou mais desertas têm tons amarelados. Isto com o objectivo de dar uma leve noção do terreno que vai ser encontrado na caminhada presente no Kit.

No caso do template criado para este projecto, visto a região escolhida ser uma serra e ser dominada por tons verdes - Serra do Louro - os tons escolhidos foram os verdes.

O verde claro são para altitudes baixas (dos 0 aos 150 metros) e vai escurecendo tipo gradient à medida que maiores altitudes estejam presentes no mapa (Figura. 11).

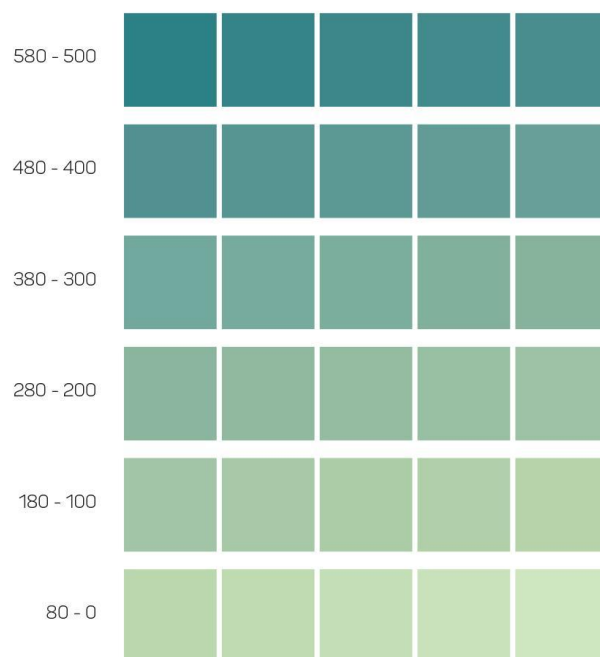


Figura 11 - Exemplo de cores utilizadas para representar a topografia do mapa

Os níveis de dificuldade estão representados por três cores diferentes. estas cores vão da cor fria, azul esverdeado, até às cores quentes, amarelo e finalmente o vermelho. O azul representa o nível de dificuldade fácil, o amarelo representa o nível intermédio e finalmente o vermelho representa o difícil. As cores presentes na brochura e no mapa também variam de acordo com o grau de dificuldade respectivo (Figura. 12).


FÁCIL		INTERMÉDIO		DIFÍCIL	
	CMYK C: 80 M: 10 Y: 45 K: 0	RGB R: 0 G: 167 B: 157		CMYK C: 0 M: 20 Y: 100 K: 0	RGB R: 205 G: 203 B: 5
				CMYK C: 15 M: 90 Y: 90 K: 5	RGB R: 200 G: 62 B: 49

Figura 12 - Cores utilizadas para representar os três diferentes níveis de dificuldade

9. Elementos do Kit

O conteúdo deste kit divide-se em três produtos gráficos muito distintos, tanto a nível de materiais como de usabilidade, mas como um todo complementam-se entre si e proporcionam e transmitem a mensagem que se pretende. (Figura. 13)



Figura 13 - Representação do Kit com todos os seus elementos gráficos

9.1 O Tubo

A utilização de um tubo como material de embalagem exterior tem assente como base o transporte compacto do kit. (Figura.14)



Figura 14 - Figura da representação do tubo

9.1.1 Formato

A sua forma cilíndrica permite que exista o menor número possível de arestas, fazendo com que a nível ergonómico seja muito superior a uma embalagem com mais arestas. Isto tendo como base um transporte num bolso de calças onde uma simples aresta pode ser incomodativa, ainda mais para caminhadas longas. Para tal, com base num pequeno inquérito (figura. 45), presente nos anexos, chegou-se à conclusão que um tubo de 140mm de medida máxima seria o ideal, tanto pela medida padrão de um bolso como pelo conforto.

O facto de ter forma cilíndrica, faz com que a própria brochura no seu interior não fique dobrada, mas ficando sim enrolada de modo a sair e utilizar sem dificuldade.

9.1.2 Material utilizado

O material utilizado tem como base o conceito de ser o mais sustentável possível. Tendo isto em conta optou-se por utilizar para a construção do tubo, cartão reciclado com um acabamento de impermeabilização. Mesmo perdendo o tubo na Natureza, a decomposição deste demora o mesmo que um rolo de papel higiénico ou pode servir de material orgânico para o solo onde fica esquecido, prejudicando assim o menos possível o meio ambiente e interferir o menos possível com o conceito envolvente do Eco-turismo.

9.1.3 Conteúdo

O tubo será a embalagem que será vista pelo público-alvo, para tal a informação nele contida é importante para transmitir a informação que se pretende. Na parte frontal do tubo está referenciado o nome do percurso, a região de Portugal a que pertence, a distância do percurso em quilómetros, o tempo médio necessário para a sua finalização e o nível de dificuldade (Figura. 15).



Figura 15 - Elementos gráficos presentes na frente do tubo

No verso estão presentes umas instruções introdutórias fazendo referências ao contacto com a natureza e a fuga das tecnologias para ajudar a despertar o interesse na matéria. Em baixo das instruções fez-se uma atenção ao conteúdo do kit e à sua impermeabilização, resistência e dinâmica (Figura. 16).



Figura 16 - Elementos gráficos presentes no verso do tubo

Na parte superior do tubo colocou-se somente a informação do nome da caminhada acompanhada com a cor referente ao nível de dificuldade respectivo, visto o espaço disponível estar limitado pelo diâmetro do tubo (Figura. 17). Na parte inferior do tubo, também pelas mesmas limitações de espaço foi colocada uma informação referente à impermeabilização do kit e a cor de fundo relativa ao grau de dificuldade mantém-se, por questões de equilíbrio visual (Figura. 18).



Figura 17 - Elemento gráfico presente no topo do tubo



Figura 18 - Elemento gráfico presente na base do tubo

9.1.4 Planificação

A seguinte imagem permite entender quais as medidas padrão do tubo e toda a sua composição, tendo em conta que se apresenta o tubo já montado e estruturado. (Figura. 19)



Figura 19 - Planificação e medidas do tubo, em milímetros

9.2 O Mapa

O mapa é o elemento mais importante deste kit visto ser a ferramenta que permite fazer uma determinada caminhada. Para tal, recorrendo aos dois estudos de caso não foi acrescentada nenhuma informação que não fosse útil ao caminhante. O resto desta informação não tão direta poderá ser encontrada nas páginas da ficha técnica presentes na brochura do kit.

O objectivo deste mapa não é dar informações precisas sobre a topografia do local, mas sim proporcionar um elemento gráfico que de certo modo contribua para a plasticidade que se tem perdido com o “novo” mundo digital. O mapa desenhado e ilustrado à mão tem muito em base o estilo journal, que alguém por ali passou e fez um esboço relativamente sério do caminho que seguiu recorrendo ao lápis e aguarela. (Figura. 20)



Figura 20 - Imagem representativa do mapa presente no kit

9.2.1 Formato

Para o mapa encaixar na perfeição foram tidas em conta as medidas do tubo, mais propriamente a altura de 140mm. Como tal e já contando com os descontos dados pelo tubo a nível de espessura de materiais, a medida final é de 128mm já dobrado em metade. A medida total do mapa é de 256x180mm. Esta medida faz com que o mapa seja mais pequeno que um A4 para também quando impresso exista um menor desperdício do tipo de material utilizado. Ao nível da legibilidade, mantém os mesmos tamanhos de fontes que na brochura, portanto com este formato a legibilidade não fica posta em causa, tendo em conta o que está explicado no ponto referente à tipografia utilizada para este projecto.

9.2.2 Material utilizado

O projecto “Caminhadas de Bolso” tem como base uma utilização livre do kit, seja ele em tempo seco ou molhado. Como tal, para resolver o problema da impermeabilização e durabilidade deste elemento do kit, utilizou-se um material da gama Tyvek® que tem como base polietileno de alta densidade, o que torna o mapa muito resistente a rasgos e faz com que tenha uma grande durabilidade quando utilizado.

Comparativamente a um papel dito normal, de fibra, este material tem incríveis vantagens tais como a resistência a rasgos ou dobras e impermeabilização. Faz-se questão de salientar tanto na brochura como no tubo que este mapa se pode dobrar e molhar sem alterar a sua utilização. Faz parte desta experiência e este material e o mapa tornam-se a chave para a transmissão da mensagem de todo o projecto. Todo ele é resistente a água, produtos químicos, calor, frio e uso prolongado em ambientes externos.

A nível de impressão tem as mesmas características quando imprimimos uma folha numa impressora convencional, de toner seco, no entanto tem de receber um acabamento especial para receber a impressão, como por exemplo UV, solvente ou ecosolvente. Quando falamos de outros tipo de impressão este não requer limitações: Tela, offset, transferência térmica, jato de tinta UV, flexo, HP Indigo e Letterpress.

A nível ambiental, este material é 100% reciclável, portanto também respeita aquilo que é defendido neste projecto nos níveis da sustentabilidade e na proteção do Ecosistema. A sua reciclagem é feita da mesma maneira e segue o mesmo destino de uma garrafa de plástico.

9.2.3 Conteúdo

O conteúdo do mapa está pensado para informar ao caminhante somente as informações mais importantes para essa mesma caminhada. Todas as outras informações mais específicas da ficha técnica ou sugestões sobre o percurso estão encontradas na brochura do kit, que utilizadas corretamente se complementam e proporcionam uma melhor experiência. (Figura. 21)



Figura 21 - Imagem da identificação dos elementos informativos presentes no mapa

Legenda:

A - Título identificativo do percurso e da região em que se situa;

B - Presença de uma bússola com a direção de onde fica o norte. Informação importante porque teve-se como objectivo manter sempre a mesma estrutura horizontal do mapa. Um percurso mais vertical faria com que existisse um problema de verticalidade na composição do mapa e da sua estrutura base;

C - Local onde deve ser iniciado o percurso, dando a informação das coordenadas de GPS e da própria morada da rua. Iniciar o percurso no local certo permite que a utilização do kit seja feita de modo correcto e a experiência siga a sua normalidade;

D - Um resumo da ficha técnica que contém a informação mais importante, sem que seja obrigado a recorrer à brochura. Esta informação pode ser variável tendo em conta os diferentes tipos de caminhadas e seus graus de dificuldade;

E - Uma legenda do mapa que pode conter símbolos que não sejam facilmente perceptíveis ou crie surgimento de dúvidas;

F - A imagem do mapa, que contém todo o percurso, trilhos errados devidamente identificados, a localização dos pontos de interesse e respectiva ilustração, um subtil levantamento topográfico do relevo e um destaque para o ponto de partida. De referir que ao contrário do ponto de partida/chegada que tem um local marcado perfeitamente no mapa, os pontos de interesse fogem a esta regra, visto ter o intuito de fazer com que o caminhante os encontre explorando. Se o trilho for seguido correctamente, a sua presença é definitivamente fácil de identificar.

9.2.4 Planificação

Toda a estrutura do mapa foi pensada e construída com base numa grelha rigorosa, também com o objectivo de permitir que não exista um excesso de informação e dar assim maior importância ao mapa do percurso. (Figura. 33)



Figura 22 - Planificação e medidas do mapa, em milímetros

9.3 A Brochura

A mini brochura presente neste kit tem um papel fundamental na transmissão da historicidade, fauna e flora do percurso a percorrer. Pode-se partir do princípio que levar apenas o mapa e fazer a caminhada é experiência suficiente, mas toda a informação, toda a curiosidade dos pormenores daquilo que se vai ver, pode ser vista nesta brochura. Como referido anteriormente no ponto referente ao público alvo, é uma mais valia para conhecer o que nos rodeia. Todos os textos têm pelo menos a acompanhar uma ilustração da região, de um pormenor, de um animal ou fruto que sejam relevantes para um maior conhecimento da zona envolvente (Figura. 23).



Figura 23 - Representação da brochura aberta

9.3.1 Formato

O formato da brochura tem como limitação os 140mm já definidos para a altura do tubo. A sua inserção no tubo não danifica nem faz com que existam dobras, fazendo no máximo com que o papel fique com uma leve curvatura em “C”, mas que em efeitos práticos não altera a sua utilização. A brochura tem como medidas fechadas 90mm de largura por 128mm de altura, espaço útil tendo em conta que os 140 mm do tubo não incluem dobras e espessura do cartão.

9.3.2 Material utilizado

O material utilizado também tem como base conceptual o de ser o mais ecológico possível. Tal como o tubo ou o mapa, esta brochura em contacto com a natureza acaba por ter um período de deterioração curto, prejudicando assim o menos possível o meio envolvente.

Para a capa ou revestimento da brochura foi utilizado a cortiça de sobreiro, muito presente no Parque Natural da Serra da Arrábida. Material este que para além de ser impermeável como o resto dos materiais do kit, está ligado à cultura portuguesa e segundo um estudo da Associação Portuguesa da Cortiça - APCOR - além da liderança industrial, Portugal tem, também, a maior área de sobreiro do mundo, concentrando 34% da floresta mundial de sobreiro. Como tal a sua utilização neste projecto tem também o intuito de estabelecer os elos de ligação do conhecer um produto português com o turismo da própria região.

Para as páginas interiores, o material utilizado é o papel reciclado. O seu acabamento leva um tratamento também ele hidrófilo para que em dias de chuva ou a própria humidade do local não o deteriore.

9.3.3 Conteúdo

O conteúdo da brochura é importante visto ser o elo de ligação entre o mapa e uma possível aprendizagem referente à área ou do hotspot pretendido. As imagens seguintes representam alguns dos artboards do template criado especificamente para testar diferentes disposições e composições textuais e de imagens. Como tal na brochura estão presentes as seguintes informações:

- . Capa de rosto em cortiça com o título do percurso (Figura. 24) e página introdutória com a mesma informação, onde existe um espaço reservado para patrocínios (Figura. 25);

- . Ficha técnica e índice da brochura, para uma navegação mais fácil (Figura. 26);

- . Uma introdução geral ao conceito do projecto, onde se enfatiza o facto do acto de caminhar e o fugir das tecnologias, que Gros tanto defende (Figura. 27);

- . Folhas de separação, que têm o objectivo de distinguir capítulos. A cor laranja distingue as regras/ dicas para uma caminhada segura e outros temas mais generalistas (Figura. 28 e 29); a cor rosa distingue a informação histórica do local (Figura. 30); a cor azul distingue os pontos de interesse presentes no mapa (Figura. 31).

- . As regras e dicas para uma caminhada segura, tendo como base, e não só, a informação presente nos dois estudos de caso. Considera-se uma informação importante porque nunca é demais sublinhar as regras e a ética subjacente quando se faz uma caminhada relacionada com o Eco-Turismo e respectivo contacto com a natureza (Figura. 32);

- . Um resumo do local e da região, mais propriamente neste caso o Parque natural e a Serra da Arrábida, retratando sempre qual a fauna, flora e a sua historicidade, sempre

tendo como objectivo o despertar interesse e divulgação do que mais se destaca na região (Figura. 33 e 34);

. A ficha técnica da rota em questão. Estão presentes aquilo que é a informação mais importante para uma caminhada, também baseado nos dois estudos de caso. Também já contando com o facto deste kit ser bem utilizado, uma informação precisa sobre o percurso faz com que se evite o auxílio de produtos tecnológicos como o telemóvel ou o GPS, tornando a caminhada mais empolgante (Figura. 35);

. Os pontos de interesse do mapa, onde as mini-ilustrações presentes no próprio mapa estão mais bem explicadas e detalhadas. Esta relação do mapa e da brochura faz com que exista um aumento de interesse do hotspot e haverá uma maior probabilidade do caminhante ler algo mais e ficar mais informado do local. Cada ponto de interesse tem duas páginas ou mais e estão colocados na brochura pela ordem correta do percurso para uma utilização mais interessante (Figura. 36 e 37);

. Outras caminhadas disponíveis, caso o caminhante esteja interessado nouro tipo de caminhadas ou noutra região do país ou com outros graus de dificuldade (Figura. 38).

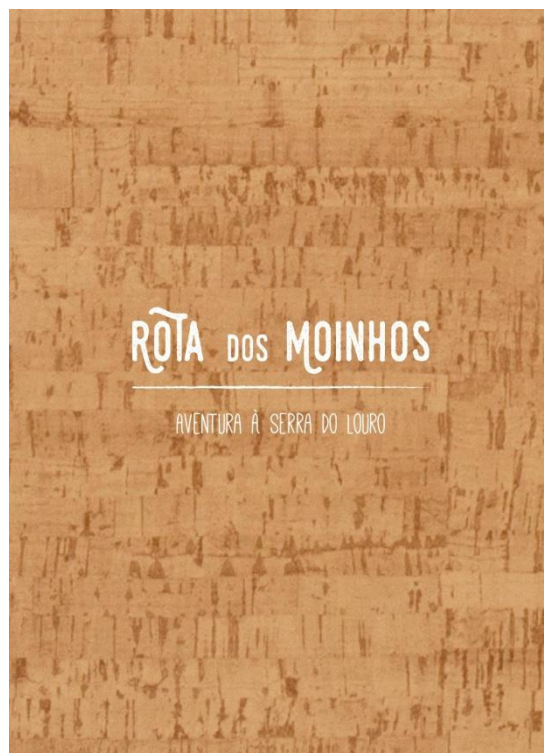


Figura 24 - Brochura: Capa de rosto



Figura 25 - Brochura: Página Introdutória, após a capa

CONSELHO EDITORIAL	
<i>Alberto Castro, António Cunha, António Marques, António Pinto de Sousa, António Pires de Lima, Cristina Azevedo, Fernando Gomes, Germano Silva, Gomes Fernandes, Hélder Pacheco, Joaquim Azevedo, João-gum Oliveira, Jorge Nuno Pinto da Costa.</i>	
DIRETOR	
<i>Afonso Camões</i>	
IMPRESSÃO	
<i>Navaprinter, Indústria Gráfica do Norte, SA Lugar da Pinta, km 7,5, EN 14 - Maia Telf: 229 411 085 Fax: 229 411 084</i>	
DISTRIBUIÇÃO	
<i>WASP, Zona Industrial da Maia, Sector 9, Rua B, Lote 225 4470 Maia, Tel: 229445210 Fax: 229445220 Distribuição: WASP, Rua da Tascoa</i>	
MARKETING	
<i>Bruno Patrão (diretor)</i>	
<h1>ÍNDICE</h1>	
<i>Uma Introdução</i>	Pág. 5
<i>Regras e dicas para uma caminhada</i>	Pág. 7
<i>O Parque natural e a Serra</i>	Pág. 11
Ficha Técnica desta Rota	Pág. 21
Os pontos de interesse do Mapa	
01 <i>Moinho do Lobo</i>	Pág. 25
02 <i>Burricadas</i>	Pág. 29
03 <i>Conchas milenares</i>	Pág. 33
04 <i>Ruínas da idade do Bronze</i>	Pág. 37
05 <i>Moinhos em Ruínas</i>	Pág. 41
06 <i>Panorâmica Fantástica</i>	Pág. 45
<i>Outras Caminhadas</i>	Pág. 49

Figura 26 - Brochura: Ficha técnica e índice



Figura 27 - Brochura: Página da introdução

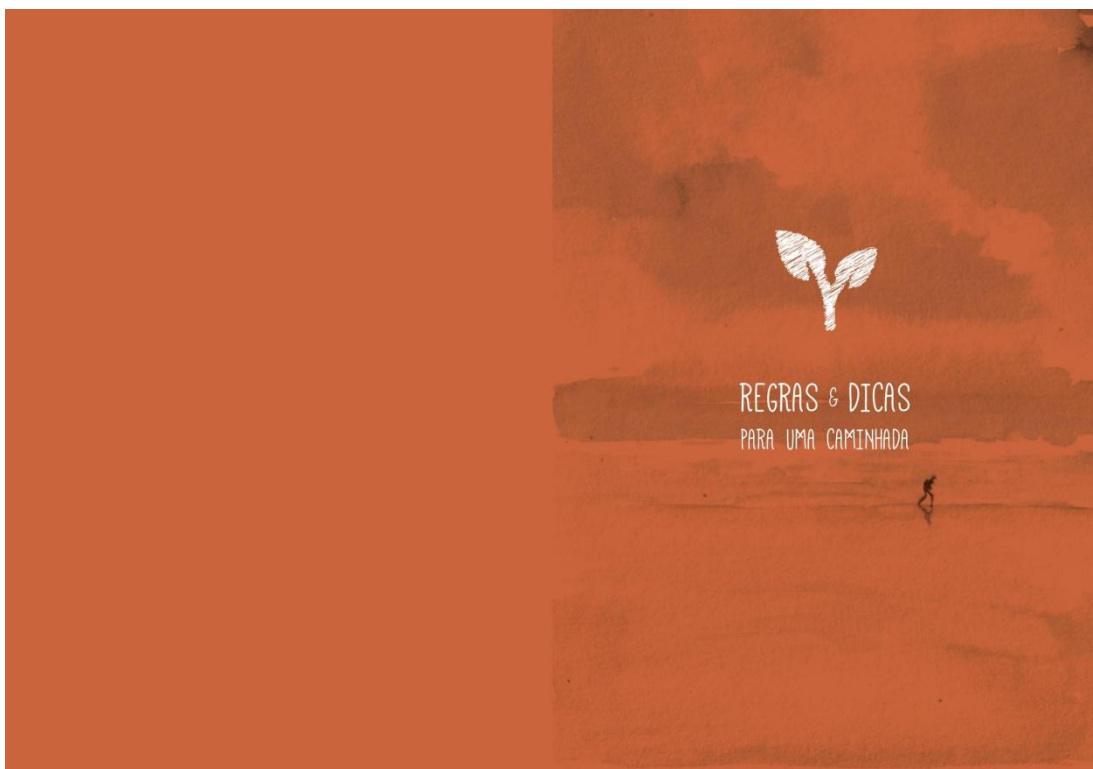


Figura 28 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de laranja, primeiro exemplo

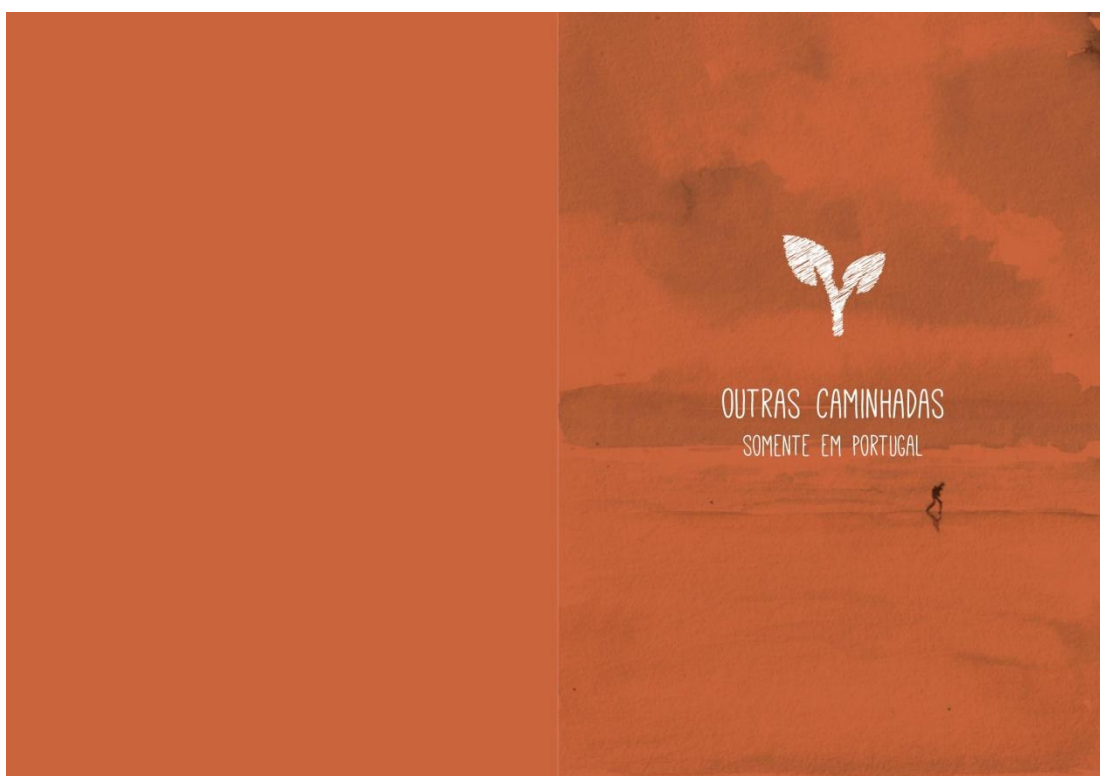


Figura 29 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de laranja, segundo exemplo



Figura 30 - Brochura: Folha de separação de capítulo, cor de rosa

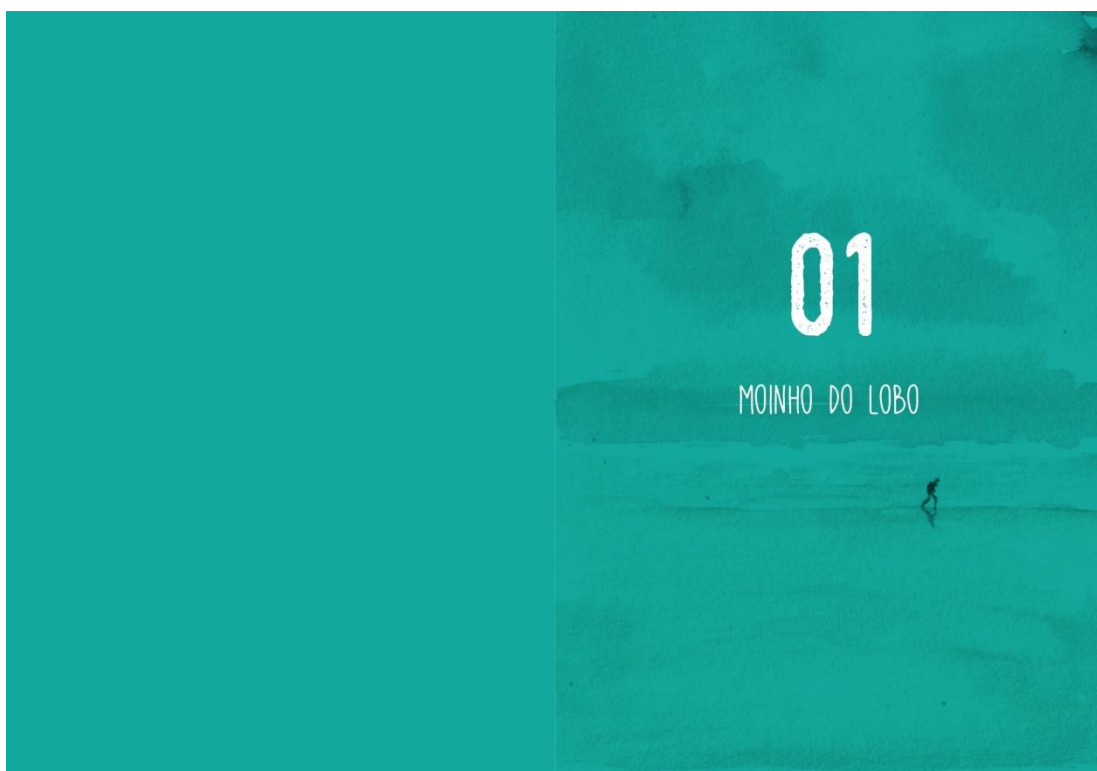


Figura 31 - Brochura: Folha de separação de capítulo, azul

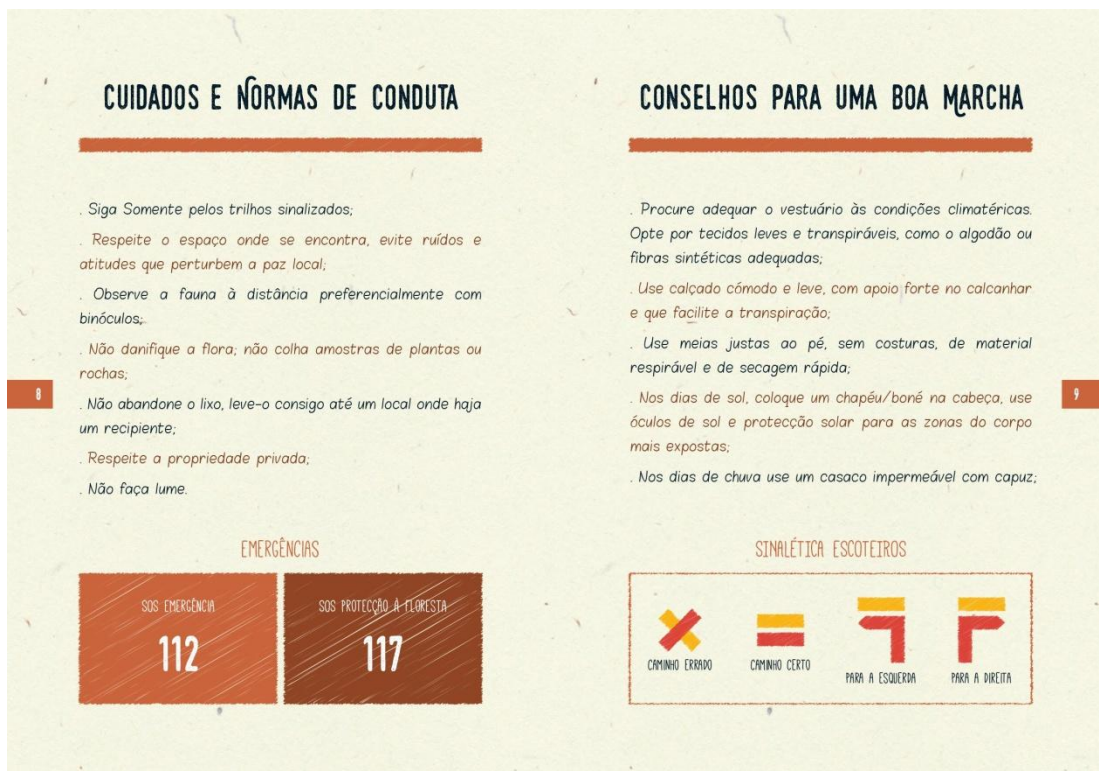


Figura 32 - Brochura: As regras e dicas para uma caminhada segura

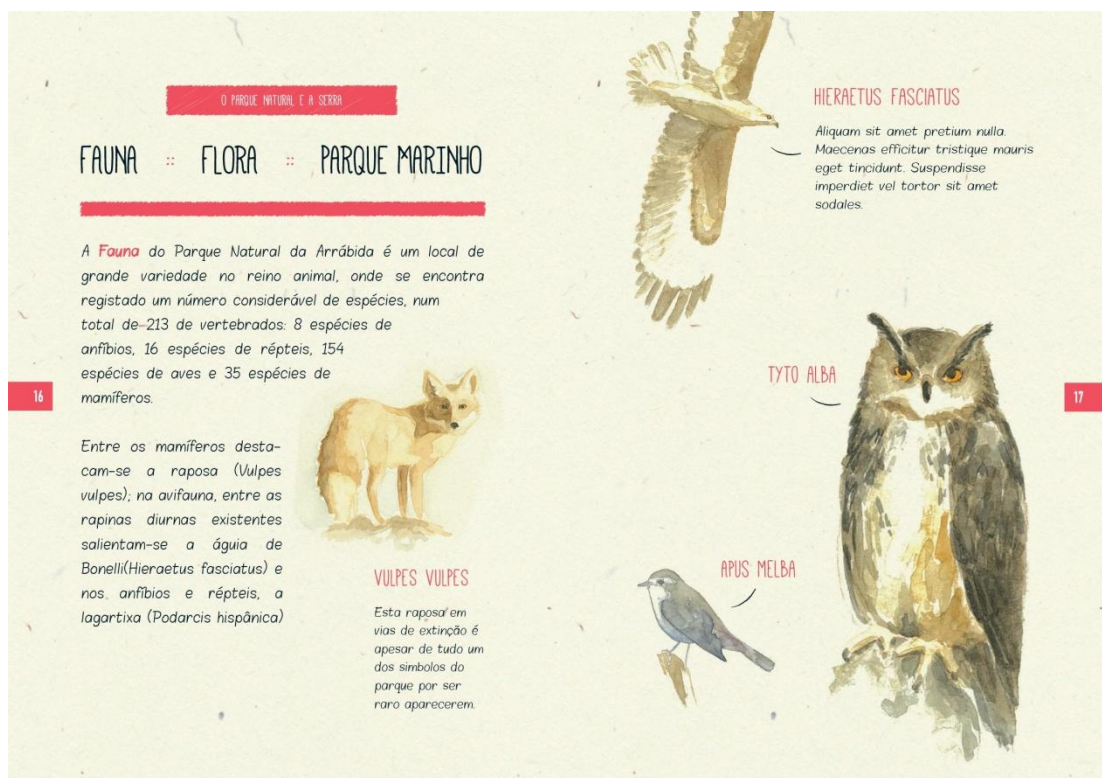


Figura 33 - Brochura: Composição textual e imagem, exemplo um



Figura 34 - Brochura: Composição textual e imagem, exemplo dois

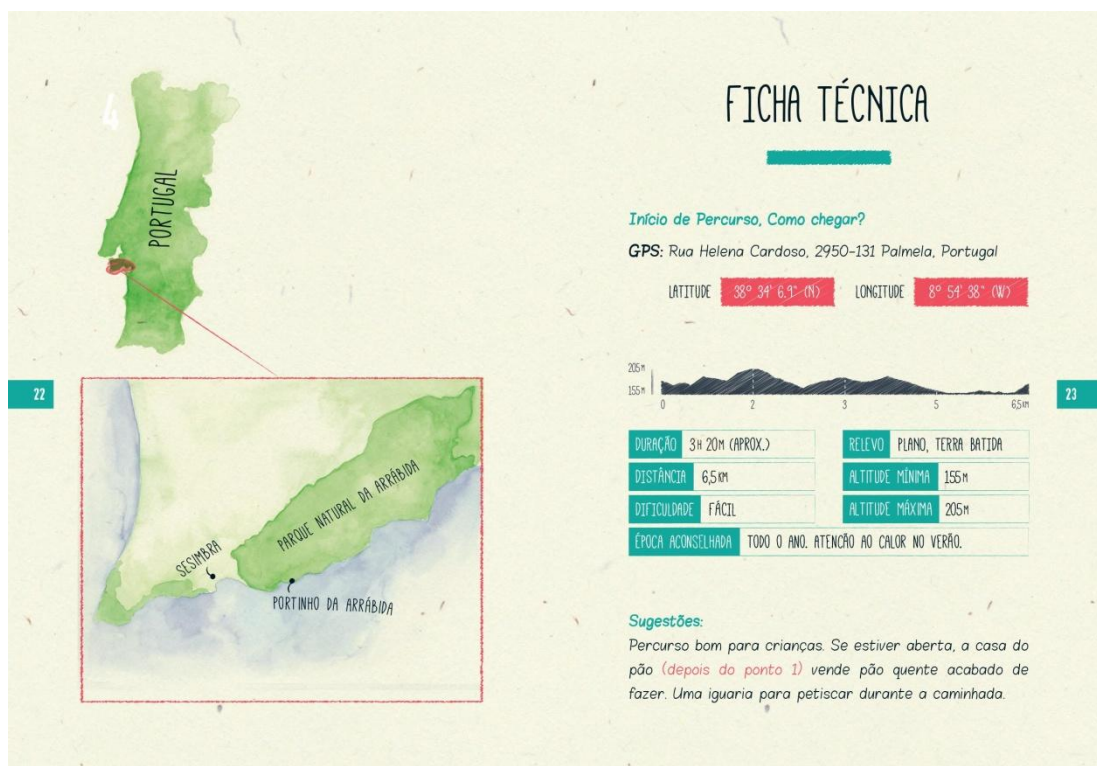


Figura 35 - Brochura: Ficha técnica do percurso



Figura 36 - Brochura: Ponto de interesse, composição textual e imagem, exemplo um



Figura 37 - Brochura: Ponto de interesse, composição textual e imagem, exemplo dois

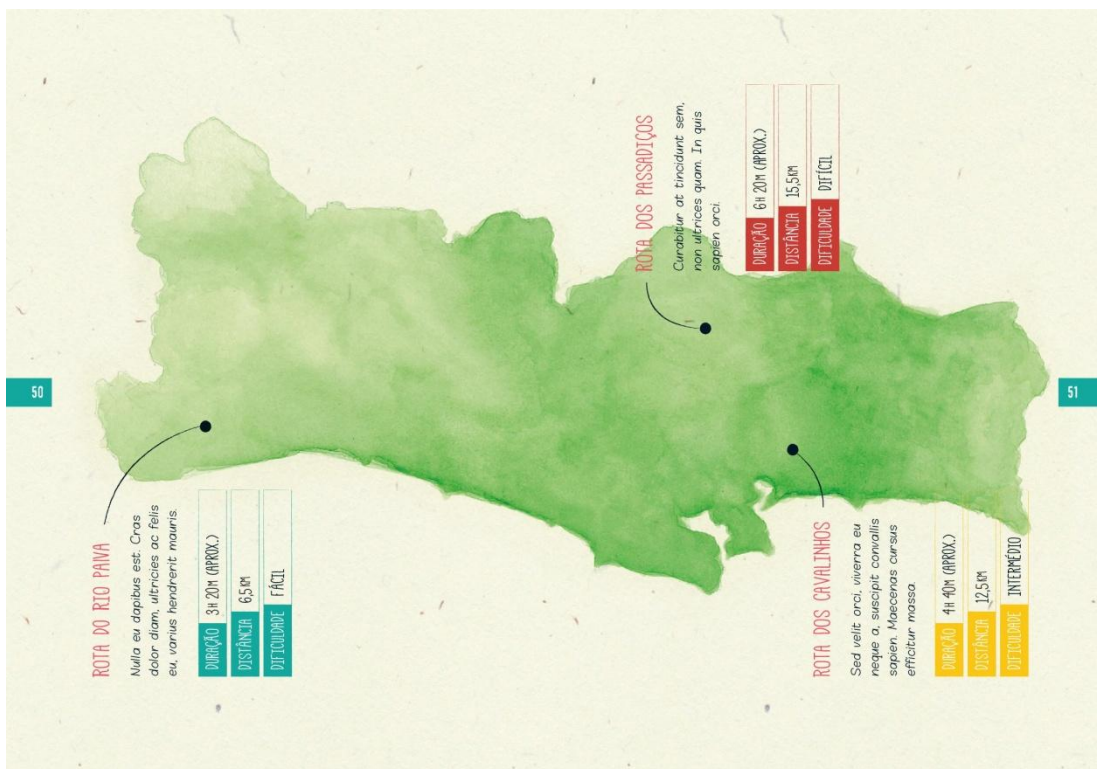


Figura 38 - Brochura: Outras caminhadas disponíveis

9.3.4 Planificação

A planificação da brochura pretende demonstrar quais as medidas utilizadas e a grelha criada para uma construção coerente e o seu preenchimento recorrendo a texto e imagem (Figura. 39 e 40). A estrutura foi criada de modo a que as imagens nem sempre a respeitem, acabando por criar composições gráficas mais dinâmicas e permitindo assim uma mais fácil resposta a maiores blocos textuais.

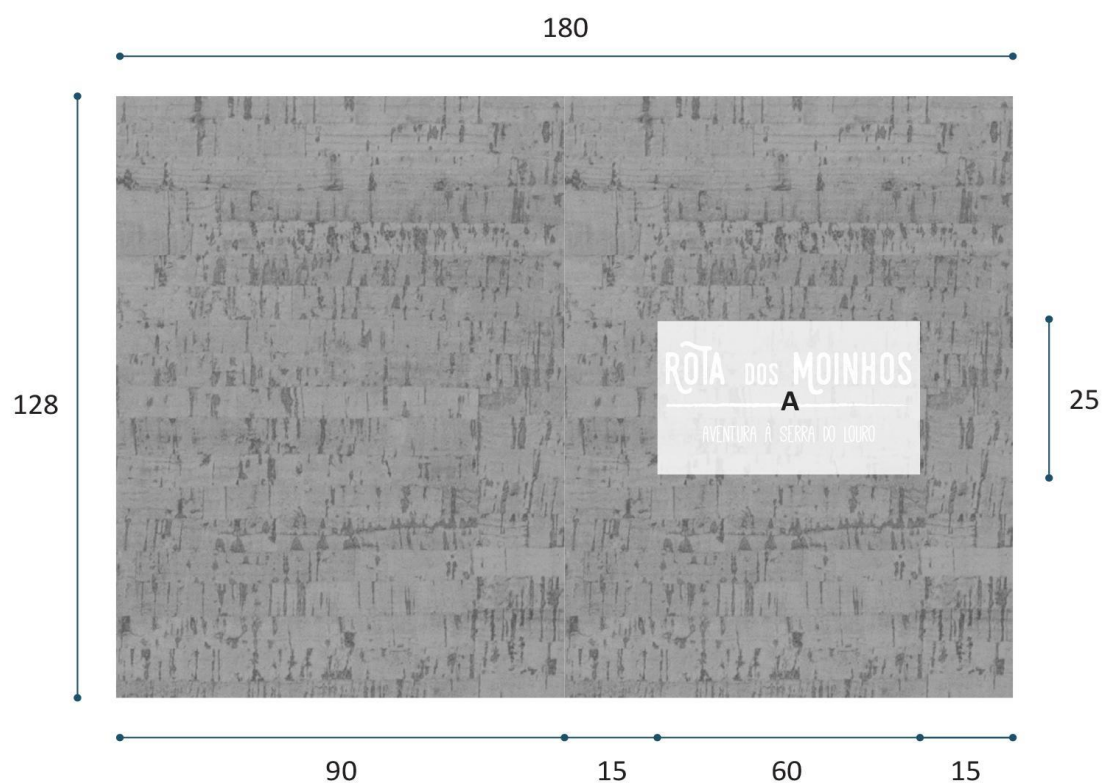


Figura 39 - Planificação e medidas da capa e contracapa de cortiça, em milímetros.

Legenda: A - Espaço delimitativo para inserção de Título do percurso.

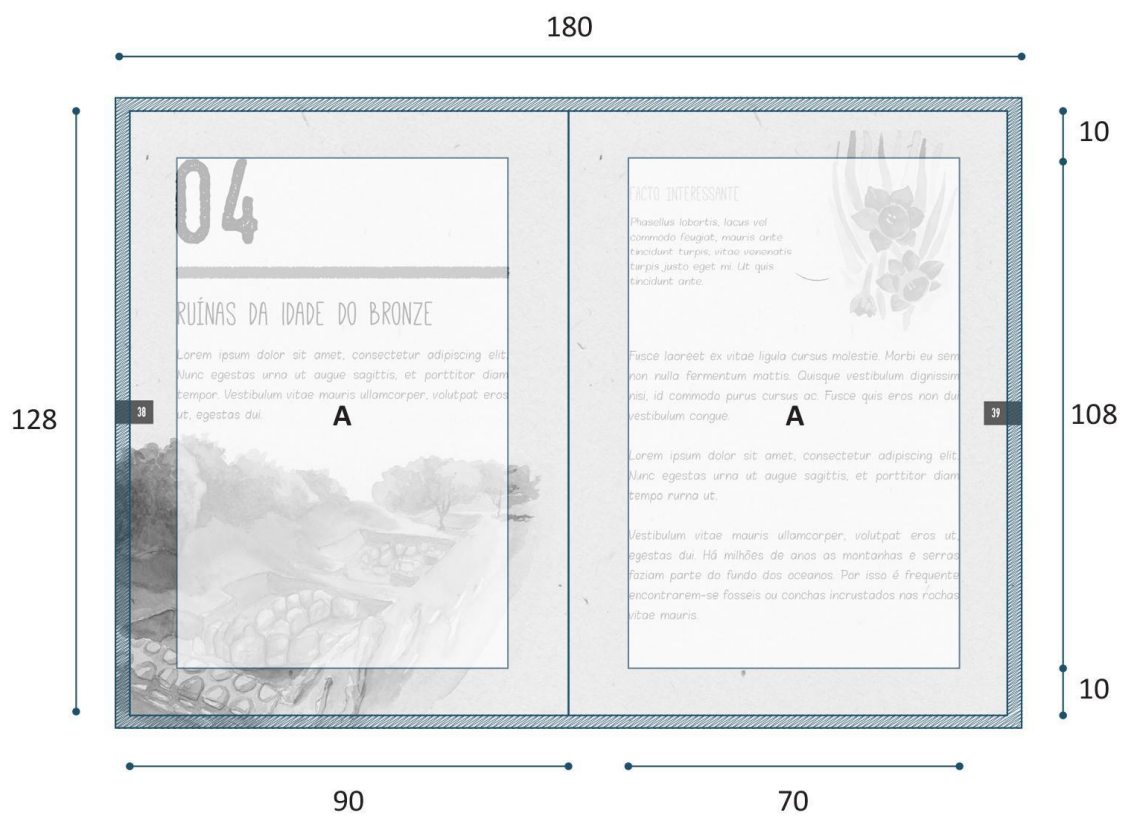


Figura 40 - Planificação e medidas das páginas padrão interiores da brochura, em milímetros

Legenda: A - Espaço delimitativo para inserção de texto

Azul - Bleed

10. Símbolos e iconografia

Para o projecto “Caminhadas de bolso” foi criado um pequeno set de ícons. Escolha esta, derivada das limitações do pequeno formato do kit. Para Andrew Hall [22] “A code is a system or group of signs, governed by an overall collection of rules shared by both sender and audience, that is used to transmit a message over time and space.” (Hall, 2011, p.62).

Sendo umas das mais puras formas de comunicação visual, os ícones, símbolos ou pictogramas são utilizados frequentemente para resolver este problema de espaço, no entanto o que melhor se adapta relativamente à mensagem a transmitir foi a criação de uma linguagem mais iconográfica, porque para Arthur Berger [23] trata-se de um elemento que se assemelha àquilo que representa ultrapassando as barreiras linguísticas envolventes. (Berger, 2012, p.53)

Para efeitos práticos, colocar um ícon de um relógio com o tempo estimado da caminhada é suficiente para o receptor perceber a informação que é transmitida, evitando assim texto explicativo adicional desnecessário e acaba também por contribuir para o aspecto visual do suporte onde está inserido.

Para a criação deste conjunto de ícons, teve-se como base o desenho livre a lápis, passando então para formato digital, para um melhor manuseamento e implementação nas ferramentas digitais como o Adobe Illustrator ou o Adobe Photoshop. Para manter o aspecto de ícon desenhado decidiu-se aplicar um efeito “scribble” nesses programas (Figura.41).



Figura 41 - Representação do processo de criação dos icons

Os icons do kit estão localizados do seguinte modo:

Mapa: Utilização iconográfica na bússola indicando a direção no Norte; no símbolo de partida e chegada; nos pontos de interesse; rios e trilhos existentes; na topografia do terreno (Figura. 42).



Figura 42 - Representação dos icons presentes no mapa

Brochura: Utilização iconográfica na diferenciação dos diferentes capítulos e outros pormenores (Figura. 43).



Figura 43 - Representação de alguns icons presentes na brochura

Tubo: Utilização iconográfica presente na superfície impermeável do tubo para fins informativos do percurso (Figura. 44).

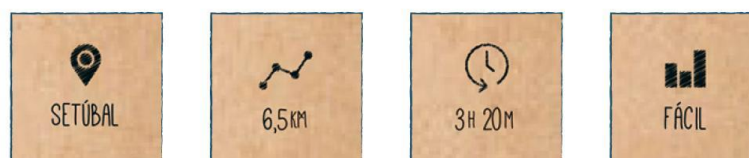


Figura 44 - Representação dos icons presentes no tubo

11. Considerações Finais

O projecto “Caminhadas de Bolso” é o resultado de duas expressões da criatividade – por um lado, uma abordagem de criação conceptual como resposta ao problema do sufoco tecnológico, por outro, a criação de uma linguagem gráfica e imagens que consolidam e se unificam com o conceito criado, tornando-o assim um projecto com bases no Design Visual.

Todo o percurso realizado, desde a visualização de um problema cada vez mais evidente – relação Homem-Natureza – e consequente pesquisa, terão sido determinantes para este projecto ter avançado e ter sido idealizado. Hoje, mais do que nunca, é necessária a criação de atitudes de resistência face à presença dos ecrãs na nossa vida. Tal como referido na introdução, cada vez mais e, progressivamente estão-se a mudar rotinas, criam-se novas relações com o espaço-tempo e o queremos tudo instantâneo e no imediato. Uma atitude tão básica do Ser-Humano como o apreciar ou admirar algo tão simples como a Natureza, está-se a dissipar cada vez mais, e é a Natureza que sofre com constantes investidas de destruição.

O próprio local escolhido – Parque Natural da Serra da Arrábida – está em constante risco de perder património cultural e histórico, onde existe uma cada vez maior exploração de pedra para fazer cimento e vandalização de monumentos desprotegidos. Esta exploração e destruição são evidentes, isto também numa escala global. Criar elementos informativos por si só não é suficiente, é preciso sim aumentar muito significativamente a relação Homem-Natureza para que todos estes problemas sejam anulados o mais possível. E o designer como criador de conceitos poderá e deverá ser uma chave importante para que isto aconteça.

Existem certamente outras abordagens e outras soluções, mas o processo de construção deste projecto foi também elaborado tendo em conta os altos índices de sedentarismo, consumismo e desprezo de saúde e bem estar físico-psicológicos, que

são também reflexos de uma sociedade global de cada vez mais obcecada com o mundo dos ecrãs e dos facilitismos tecnológicos.

Todas estas abordagens, tornam o projecto “Caminhadas de Bolso” como uma ferramenta conceptual de resposta face todos a estes problemas que, a um ritmo também ele quase instantâneo, marcam uma presença cada vez maior tanto na nossa vida como na nossa relação com a sociedade.

12. Referências

[1] LIPOVESTKY, Gilles (1944) foi um filósofo e um dos ideólogos mais representativos da corrente «ética inteligente» que suporta uma cultura pós-modernista baseada estruturalmente no predomínio do individual sobre o universal e na diversificação extrema da conduta e dos gestos. Lecciona Filosofia na Universidade de Grenoble.

[2] SERROY, Jean, é professor na Universidade de Grenoble e autor de várias obras sobre a literatura do século XVII e sobre cinema, entre eles Entre deux siècles: 20 ans de cinema contemporain.

[3] ROSEN, Larry é professor na Universidade de Califórnia. É um investigador de psicologia e é reconhecido como um dos melhores na área da “psicologia das tecnologias”.

[4] GROS, Frédéric, (1965) É professor da Universidade Paris-Est Créteil e editor dos últimos cursos de Michel Foucault no Collège de France. É autor de livros sobre a história da psiquiatria e filosofia penal.

[5] HILL, Jennifer é um dos responsáveis do Departamento de Geografia e Gestão Ambiental na University of the West of England, no Reino Unido.

[6] GALE, Tim é um professor de turismo e geografia do Departamento de Geografia e Gestão Ambiental na University of the West of England, no Reino Unido.

[7] BANKS, Anne (1924-2013) foi uma escritora e professora de artes. Durante sua carreira em Washington DC, ela escreveu artigos e comentários para revistas de arte e escreveu o livro What is Design? um livro indispensável para os que procuram uma compreensão da história do design da pré-história até aos tempos modernos.

[8] MEGGS, Philip B. (1942-2002) foi um designer gráfico norte-americano, professor, historiador e autor de livros sobre design gráfico.

[9] MUNARI, Bruno (1907-1998) foi um artista e designer italiano, que contribuiu com fundamentos em muitos campos das artes visuais e também com outros tipos de arte, com a investigação sobre o tema do jogo, a infância e a criatividade.

[10] LOSOWSKY, Andrew é um jornalista, editor e escritor nascido no Reino Unido. Reside nos Estados Unidos está envolvido em vários projectos como The Economist, Time magazine, BBC World Service, The Coral Project, entre outros.

[11] SANTOS, Mário Beja, foi técnico superior da Direção-Geral do Consumidor. Em 2009, publicou Quem Mexeu no Meu Comprimido?, a que Tens Bom Remédio! dá continuidade no que toca à cidadania na saúde e educação do consumidor. É autor de mais de três dezenas de títulos relacionados com as temáticas da política dos consumidores.

[12] HOUSE OF LORDS - The Science and Technology Committee é um grupo restrito que faz parte do parlamento do Reino Unido cujo objectivos estão focados em temas relacionados com ciências e tecnologias.

[13] VERGHESE, Karli é uma professora e colaboradora no RMIT's Centre for Design and Society. Também lidera um grupo cujo objectivo está relacionado com a sustentabilidade de produtos e de embalagens.

[14] Sociedade Ponto Verde é a entidade sem fins lucrativos que gere o sistema integrado de recolha e tratamento de resíduos de embalagens em Portugal.

[15] MUTHU, Subramanian é um consultor de sustentabilidade global na SGS em Hong Kong. Tem mais de sete anos de experiência industrial na fabricação textil e de sustentabilidade de diversos materiais.

[16] DAVIS, Julie é uma professora da sistemas de educação da Queensland University of Technology na Australia especializada na pré-educação para crianças e a sua sustentabilidade e participou em diversas conferências como keynote speaker.

[17] ZEEGEN, Laurence é um professor, ilustrador e escritor da London School of Communication. Contribuiu para diversas revistas e publicações como a Creative Review, Grafik, MacFormat, Digital Creative Arts e a Computer Arts.

[18] REYNA, Rudy de nasceu em Espanha e teve a sua educação em Inglaterra, Mexico e nos Estados Unidos. É muito conhecido pelas suas obras detalhadas recorrendo a a aguarelas e tintas de óleo. Venceu alguns concursos, entre eles o prémio Douglas Grimshaw em 1975 e o primeiro prémio na 38th annual Connecticut Watercolor Society.

[19] BAINES, Phil é um designer freelancer e um senior lecturer de design gráfico na Central Saint Martins College of Art & Design, em Londres.

[20] HASLAM, Andrew é um designer que gere um estudo próprio e chefia o curso MA Communication Design na Central Saint Martins College of Art & Design, em Londres.

[21] WHEILDON Colin (1913-2007) é um jornalista, editor e designer que em 1995 lançou um livro chamado "Type & Layout".

[22] HALL, Andrew é um dos responsáveis do curso BA Graphic Design no Central Saint Martins College of Art & Design, em Londres. Depois de se graduar em 1986, trabalhou como ilustrador em freelancer e depois estudou arte e trabalhou como designer teatral por 5 anos.

[23] BERGER, Arthur é um professor emérito na área de transmissão televisiva e comunicação electrónica de artes na universidade de San Francisco, nos Estados Unidos.

13. Bibliografia

BAINES, P & HASLAM, A (2005), *Type and Typography* (2nd ed.), London, Laurence King Publishing Ltd

BANKS, Anne (2004). *What is Design?: An Overview of Design in Context from Prehistory to 2000 A.D.* United States, Xlibris

BERGER, A, Arthur (2012) *Seeing is Believing: An Introduction to Visual Communications*, New York, McGraw-Hill

DAVIS, Julie (2010). *Young Children and the Environment: Early Education for Sustainability*, Australia, Cambridge University Press

GALE, T., & HILL, J. (2009). *Ecotourism and Environmental Sustainability: Principles and Practice*. Farnham, England, Ashgate

GROS, Frédéric (2014). *A Philosophy of Walking*, London, Verso 2014

HALL, A., (2011). *Illustration*, London, Laurence King Publishing

HILL, J; GALE, T (2009). *Ecotourism and Environmental Sustainability: Principles and Practice*, England, Ashgate

House of Lords (2008). *HL 163-I, 6th Report of Session 2007-08 - Volume I: Report*, London, The Stationery Office

LIPOVESTKY, G; SERROY (2010). *O Ecrã Global*, Lisboa, Edições 70

Losowsky A. (2010). *Introduction to Turning Pages*. In Klanten R., Ehmann, S., Bolhofer, K., Schulze, F. *Turning Pages - Editorial Design for Print Media*, Berlin, Gestalten

MUNARI, Bruno (1997) *Design e Comunicação Visual: Contribuição para uma metodologia didática*, Portugal, Martins Fontes

MUTHU, Subramanian (2016). *Environmental Footprints of Packaging*, Singapore, Springer

REYNA, Rudy (1996). *How to draw what you see*, United States, Watson-Guption Publications

ROSEN, Larry (2012). *iDisorder: Understanding Our Obsession with Technology and Overcoming Its Hold on Us*, New York, Palgrave Macmillan

SANTOS, Beja (2006). *Este Consumo que nos Consome, Olhares sobre a sociedade de consumo actual*, Portugal, Campo das Letras

VERGHESE, K.; LEWIS, H.; FITZPATRICK, L. (2012). *Packaging for Sustainability*, London, Springer

ZEEGEN, L. (2009), *What is Illustration?*, Switzerland, RotoVision SA

Anexos

1. Inquérito

Coloca no teu bolso das calças estes tubos. Qual aparenta ser o mais confortável?

Colocou-se esta pergunta a 6 pessoas do público-alvo (18-30) para ajudar a definir quais as medidas do tubo mais confortáveis, já contando com a mobilidade. Para tal pediu-se que andassem a um passo normal durante 60 segundos. Os resultados demonstram que o mais votado foi o C, que representa um tubo com 140mm de altura e 40mm de diâmetro.

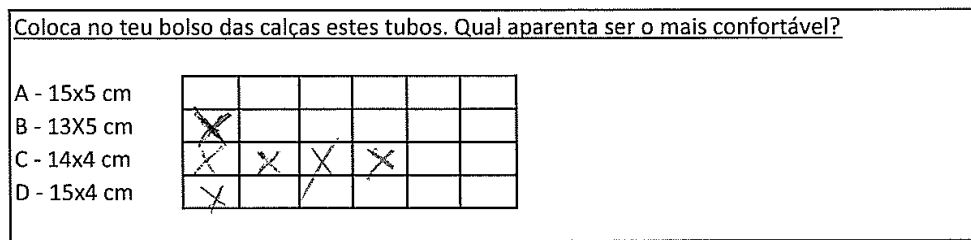


Figura 45 - Inquérito

2. Ilustrações realizadas para este projecto

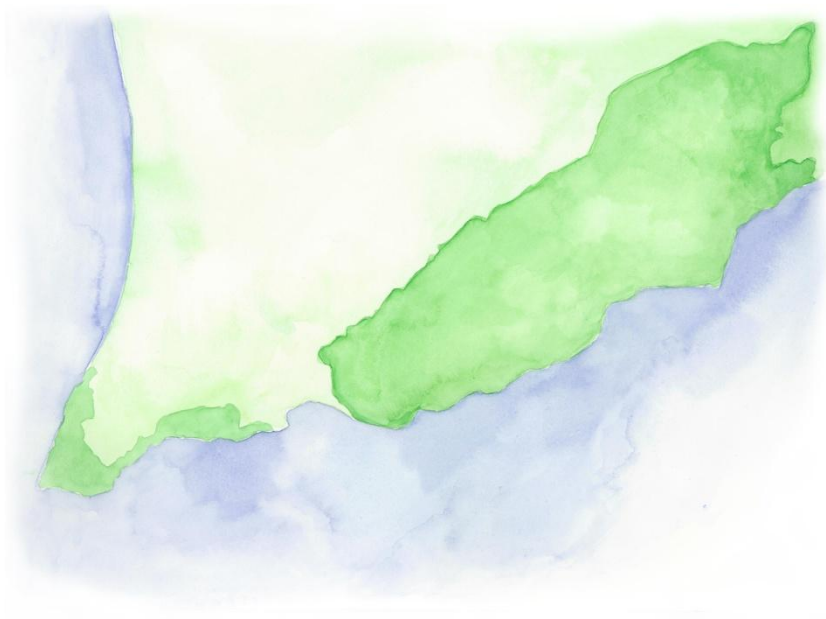


Figura 46 - Ilustração específica do terreno da região de Setúbal

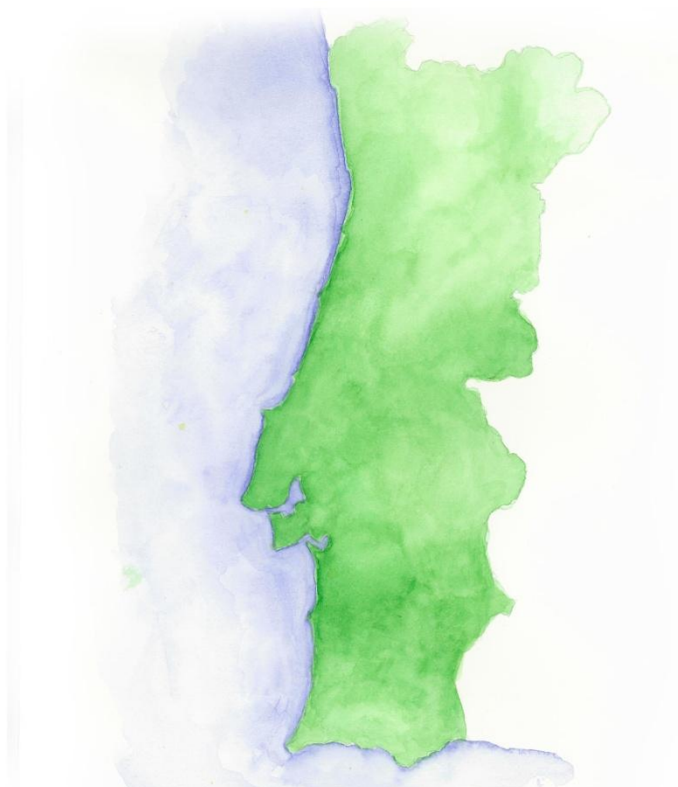


Figura 47 - Ilustração do terreno de Portugal Continental

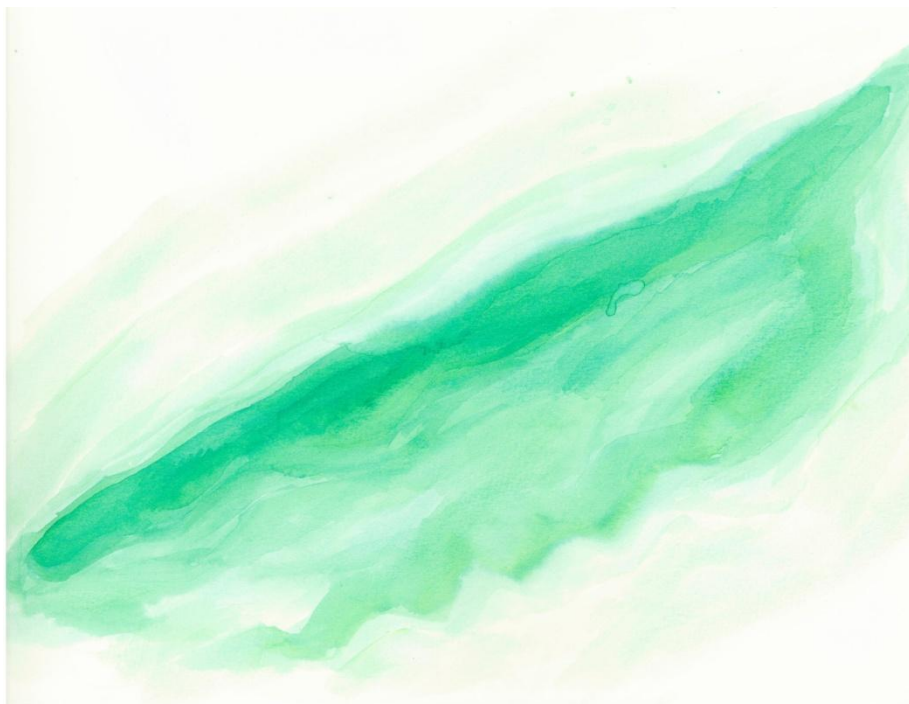


Figura 48 - Ilustração topográfica do percurso



Figura 49 - Ilustrações - Várias I



Figura 50 - Ilustrações - Várias II



Figura 51 - Ilustrações - Várias III



Figura 52 - Ilustração de um moinho em ruínas



Figura 53 - Ilustração de ruínas

3. Registo fotográfico do percurso “Rota dos Moinhos”



Figura 54 - Ruínas I



Figura 55 - Moinho em Ruínas



Figura. 56 - Rua dos Moinhos



Figura. 57 - Padaria



Figura. 58 - Ruínas II



Figura. 59 - Ruínas III



Figura. 60 - Vida Selvagem I



Figura. 61 - Vida Animal I



Figura. 62 - Vida Selvagem II



Figura. 63 - Vida Selvagem III



Figura. 64 - Panorâmica da Serra I



Figura. 65 - Percurso Pedestre I



Figura. 66 - Panorâmica da Serra II



Figura. 67 - Panorâmica da Serra III



Figura. 68 - Pormenor Rochoso I



Figura. 69 - Pormenor Rochoso II

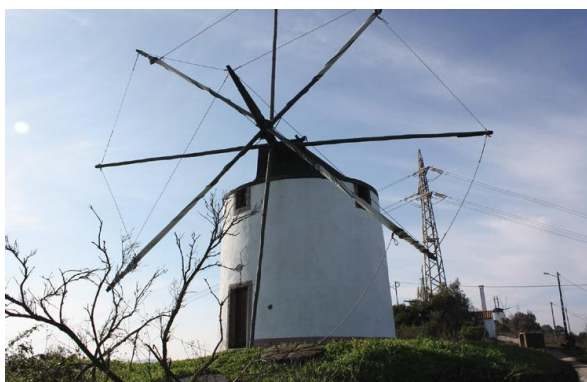


Figura. 70 - Moinho



Figura. 71 - Panorâmica da Serra IV

